

MESTRADO EM FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA

Consciência Histórica e Identidade Nacional: Um Estudo das Relações Brasil-Portugal

Dilvane Balen

Setembro

2023

Dilvane Balen

Consciência Histórica e Identidade Nacional: Um Estudo das Relações Brasil-Portugal

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Filosofia Contemporânea , orientada pela Professora Doutora Maria Celeste Lopes Natário Alves dos Santos

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

2023

Dedico esta pesquisa àqueles que, com perseverança e entendimento, buscam enriquecer e aprimorar suas conexões, seja no âmbito pessoal, na tapeçaria cultural ou nos vastos palcos internacionais.

SUMÁRIO

Declaração de honra.....	5
Agradecimentos.....	6
Resumo.....	7
Abstract.....	8
Introdução.....	9
1.O Colonialismo na Perspectiva de Eduardo Lourenço.....	12
1.1. Contextualização histórica do Colonialismo.....	19
1.2. O ‘Impensado’’: Reflexões sobre o colonialismo e suas contradições.....	24
1.3. Considerações finais.....	32
2.IDENTIDADE.....	35
2.1. Apresentação do tema Identidade brasileira e portuguesa.....	35
2.2. Identidade brasileira e portuguesa segundo Eduardo Lourenço.....	36
2.3. Explorando identidade por Zygmunt Bauman.....	37
2.4. Identidade: uma análise a partir de Eduardo Lourenço.....	39
2.4.1. Estereótipos, mitos e fantasias envolvendo a relação Brasil-Portugal.....	42
2.4.2. Análise das reflexões de Eduardo Lourenço sobre a identidade portuguesa.....	45
2.4.3. Pontos de convergência e divergência.....	46
2.4.4. Impacto das Representações Mútuas nas Identidades.....	50
2.5. Contextualização Contemporânea.....	54
2.5.1. Literatura e Cultura.....	58
2.6. Considerações Finais.....	60
3.História e Historicismo.....	62
3.1. Conceito de Historicismo e a perspectiva de Eduardo Lourenço.....	62
3.1.1. A Dualidade da Verdade: Uma Análise da Perspectiva Luso-brasileira.....	63
3.1.2. A Arte da Interpretação e a Significação em História: Um Olhar Historicista.....	65
3.2. Registro Histórico.....	69
3.2.1. Objetividade versus Subjetividade na História.....	70
3.3. Linguagem e Consciência: Diálogo Interpessoal e Intercultural.....	74
3.3.1. O Desencontro das Consciências Históricas entre Brasil e Portugal.....	76
3.4. Modernidade Líquida Dissolvendo Estereótipos.....	80
3.4.1. O Papel da Educação na Formação da Consciência Histórica.....	83
3.5. Para Além do Passado: Perspectivas Futuras para a Relação Brasil-Portugal.....	84
4.Considerações Finais.....	86
Referências Bibliográficas.....	90

Declaração de honra

Declaro que a presente dissertação é de minha autoria e não foi utilizado previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição, e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referência. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

Porto, 17 de setembro de 2023

Dilvane Balen

Agradecimentos

É com imensa gratidão que expresso meus sinceros reconhecimento a todas as pessoas que se envolveram para a realização deste trabalho e para a concretização deste importante marco em minha jornada.

Primeiramente, gostaria de agradecer à minha orientadora, Professora Maria Celeste Natário pelo seu apoio ao longo deste processo. Agradeço também por compartilhar seu conhecimento, o que enriqueceu meu percurso.

À Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pela oportunidade de desenvolver este estudo e pela dedicação de todos os professores e funcionários que tornaram possível a minha formação. O ambiente acadêmico proporcionou o espaço para aprofundar meu entendimento e ampliar minha perspectiva.

Minha gratidão se estende aos autores, pesquisadores e pensadores que dedicaram suas vidas ao estudo e à reflexão sobre os temas envolvidos nesta dissertação. Suas obras enriqueceram minha compreensão e guiaram minha análise.

Agradeço também aos amigos e colegas que compartilharam suas ideias, discussões e momentos de troca ao longo do percurso.

À toda minha família, por seu apoio incondicional e por acreditarem sempre em mim. Seus valores e incentivos moldaram quem sou e me motivaram a buscar sempre o melhor. Agradeço em especial minha filha Vitória, meu noivo George aos meus sogros por todo apoio e a minha amiga Stefannie.

Que este trabalho possa contribuir de alguma forma para o enriquecimento do conhecimento e para a compreensão dos temas aqui explorados.

Muito obrigada a todos.

Resumo

Esta dissertação investiga as complexidades da relação histórica e cultural entre Brasil e Portugal, centrando-se na perspectiva do pensador Eduardo Lourenço. O estudo explora a interação entre colonialismo, identidade nacional e consciência histórica nas visões desses dois países um do outro, sob a lente do historicismo. O Capítulo 1 aprofunda a contextualização histórica do colonialismo, a crítica eurocêntrica, e a contribuição de Lourenço para o estudo do colonialismo. O Capítulo 2 examina a construção da identidade brasileira e portuguesa, os estereótipos envolvidos e a influência da colonização e da história na formação destas identidades. Além disso, explora as dinâmicas migratórias recentes e seus impactos nas identidades dos dois grupos, dentro do contexto da “modernidade líquida”. Finalmente, o Capítulo 3 se concentra em aspectos de linguagem, objetividade e subjetividade na história, e explora a educação como um meio de formar a consciência histórica. Conclui propondo perspectivas futuras para a relação entre Brasil e Portugal, apontando para uma necessária compreensão e reaproximação além do passado, com base em uma linguagem cultural compartilhada e o respeito pela diferença e pela particularidade de cada um.

Palavras-chave: [Colonialismo, Identidade Nacional, Consciência Histórica, Brasil-Portugal Eduardo Lourenço]

Abstract

This dissertation investigates the complexities of the historical and cultural relationship between Brazil and Portugal, centering on the perspective of thinker Eduardo Lourenço. The study explores the interplay between colonialism, national identity, and historical consciousness in these two countries' views of each other, under the lens of historicism. Chapter 1 delves into the historical contextualization of colonialism, Eurocentric critique, and Lourenço's contribution to the study of colonialism. Chapter 2 examines the construction of Brazilian and Portuguese identity, the stereotypes involved, and the influence of colonization and history in forming these identities. It further explores recent migratory dynamics and their impacts on the identities of both groups, within the context of liquid modernity. Finally, Chapter 3 focuses on aspects of language, objectivity, and subjectivity in history, and explores education as a means of forming historical consciousness. It concludes by proposing future perspectives for the relationship between Brazil and Portugal, pointing towards a necessary understanding and rapprochement beyond the past, based on a shared cultural language and respect for each one's difference and particularity.

Key-words: [Colonialism, National Identity, Historical Consciousness, Brazil-Portugal, Eduardo Lourenço]

Introdução

O presente trabalho centra-se na questão de investigação: Quais são as implicações do colonialismo na formação das identidades nacionais do Brasil e Portugal, e como a perspectiva de Lourenço pode nos ajudar a entender e ir além dessas implicações?. Nosso objetivo é, investigar as causas da discrepância e explorar suas implicações para a relação entre os dois países.

A relevância dessa questão de pesquisa é dupla. Primeiro, ela permite um exame crítico do legado do colonialismo nas identidades e relações nacionais entre Brasil e Portugal, iluminando as continuidades e descontinuidades históricas que moldaram essas identidades e relações. Segundo, ao abordar a questão do "descompasso" percebido por Lourenço, este trabalho pode contribuir para a criação de diálogos mais equitativos e respeitosos entre os dois países, fundamentados no reconhecimento de suas experiências históricas compartilhadas e distintas.

Para atingir este objetivo, o estudo emprega uma abordagem qualitativa de pesquisa, centrada na análise de textos teóricos e empíricos relevantes. Em particular, recorreremos a obras-chave de Eduardo Lourenço e outros pensadores, bem como a evidências históricas e contemporâneas sobre as relações Brasil-Portugal.

Além disso, levamos em consideração as contribuições de várias disciplinas, incluindo a história, a sociologia, os estudos culturais e a filosofia, para proporcionar uma perspectiva multidimensional e rica em nuances sobre o tema de investigação.

A escolha desta abordagem baseia-se na natureza do nosso objeto de estudo, que se presta mais à análise interpretativa e contextualizada proporcionada por métodos qualitativos. Os materiais analisados incluem obras-chave de Eduardo Lourenço, como "O Labirinto da Saudade", "Do Brasil: Fascínio e Miragem" e "Do Colonialismo como Nosso Impensado" entre outros.

Também recorreremos a trabalhos de Zygmunt Bauman, em particular "Modernidade Líquida", "Identidade" e "Ética Pós-Moderna" para complementar e ampliar as reflexões de Lourenço. A contribuição de Bauman enriquece a nossa análise ao oferecer um quadro teórico que ajuda

a contextualizar e a compreender as dinâmicas de identidade e mudança nas sociedades moderna.

A análise das reflexões de Lourenço sobre a relação Brasil-Portugal, complementadas pelas perspectivas de Bauman sobre a modernidade e a identidade, nos permitiu abordar a nossa questão de pesquisa trazendo para o presente a possibilidade de reformulação e encaminhamento das questões que envolvem a relação histórica entre Brasil e Portugal. Além disso, a perspectiva inovadora e crítica de Lourenço, centrada na crítica ao mito do luso-brasilianismo e na valorização da diversidade e da diferença, foi essencial para a nossa análise e para o desenvolvimento do nosso argumento.

É fundamental sublinhar que a contemporaneidade se destaca como o terreno fecundo onde os aspectos pendentes na relação Brasil-Portugal podem ser tratados e ajustados. Ao longo desta investigação, o futuro aparece como o lócus de resolução dos dilemas herdados do passado colonial, insistindo na necessidade de avançar além das imagens fixas e estereotipadas que ainda permeiam as relações entre estes dois países, afinal como salienta Catroga (1996, p. 548), “da hegemonização do poder simbólico, condição essencial de radicação de todo poder”, os rituais que evocam a história têm o intuito de mantê-la viva através da memória. Ao moldar e adaptar uma certa memória nacional, as nações consolidam sua identidade em termos de imaginação e simbolismo. Quando trazem o passado à tona, influenciados pelo contexto atual, fazem mais do que apenas reconhecer o que aconteceu; estão essencialmente construindo consensos.

Por mais que seja essencial conhecer e reconhecer o passado, é na realidade contemporânea e nas perspectivas futuras que encontramos as chaves para superar as tensões e desentendimentos herdados de tempos coloniais. Nesse sentido, a nossa abordagem metodológica busca equilibrar uma apreciação aprofundada do passado, um entendimento preciso do presente e um olhar prospectivo sobre o futuro, contribuindo assim para um diálogo mais frutífero e enriquecedor entre Brasil e Portugal no século XXI.

Este estudo é estruturado em três principais capítulos. O primeiro capítulo apresenta uma análise do pensamento de Eduardo Lourenço sobre o colonialismo, elucidando os aspectos contextuais e as contradições deste fenômeno na história de Brasil e Portugal.

No segundo capítulo, exploramos a questão da identidade brasileira e portuguesa, a influência do colonialismo pós-colonialismo na formação dessas identidades, e a contextualização contemporânea. O propósito é desvendar como os estereótipos, os mitos, e as representações mútuas impactam a construção das identidades individuais e coletivas.

Finalmente, no terceiro capítulo, é abordado o papel da história e do historicismo na constituição das consciências históricas e na relação entre Brasil e Portugal. O estudo explora a objetividade e a subjetividade na história, o papel da linguagem na consciência histórica e a maneira como as divergências de consciências históricas podem ser reconciliadas.

Este último capítulo também propõe a "Modernidade Líquida" como um possível caminho para a compreensão e reaproximação entre Brasil e Portugal, destacando a importância da educação na formação da consciência histórica. Ao mesmo tempo, sugere uma reflexão sobre as perspectivas futuras para a relação entre os dois países, tendo em vista a necessidade de ir além do passado colonial para compreender melhor o presente e projetar um futuro mais equilibrado e justo. Ao longo desta dissertação, buscaremos aprofundar essas questões à luz dos teóricos discutidos, com o objetivo de contribuir para um diálogo mais amplo e inclusivo sobre a história e a identidade nas relações entre Brasil e Portugal.

1. O Colonialismo na Perspectiva de Eduardo Lourenço

Neste primeiro capítulo adentraremos no vasto universo do colonialismo por meio da perspectiva de Eduardo Lourenço, a escolha de privilegiar a abordagem deste pensador português não é casual, mas sim uma tentativa deliberada de explorar a sua contribuição singular e penetrante ao debate sobre o colonialismo e a identidade portuguesa. Lourenço oferece uma visão crítica e abrangente que transcende a simples dicotomia de opressores e oprimidos, destacando suas principais ideias e contribuições para a compreensão desse fenômeno histórico. Ao longo de nossa análise, baseada em obras como “Do colonialismo como nosso impensado”, “Labirinto da saudade”, “Do Brasil fascínio e miragem” e outras contribuições significativas, buscaremos uma compreensão mais profunda do fenômeno do Colonialismo. (Lourenço, 2014; Lourenço, 2020; Lourenço, 2015).

Embora outros pensadores tenham abordado o colonialismo português, como Boaventura de Sousa Santos e António Lobo Antunes, entre outros, a análise de Eduardo Lourenço oferece uma lente valiosa para a compreensão das intrincadas dinâmicas entre a metrópole e as colônias, bem como os impactos que enfrentam as relações na formação da identidade nacional portuguesa e brasileira.

Eduardo Lourenço, um dos mais influentes intelectuais portugueses do século XX, possui uma perspectiva singular sobre o colonialismo. Em suas obras e ensaios, ele aborda de forma crítica as implicações políticas, sociais e culturais do colonialismo, questionando os discursos oficiais e propondo uma reflexão alternativa sobre essa experiência histórica.

O autor desafia a visão eurocêntrica predominante, que muitas vezes romantiza ou justifica as práticas coloniais. Em vez disso, ele nos convida a uma abordagem mais ampla e reflexiva, que considera não apenas os interesses e benefícios dos colonizadores, mas também as consequências e impactos para os povos envolvidos, colonizados e colonizadores. (Lourenço, 2014).

Entretanto, é fundamental considerar que a complexidade do colonialismo não se esgota em uma única abordagem ou perspectiva. Existem diversas outras lentes analíticas por meio das quais essas discussões históricas e suas reverberações contemporâneas podem ser

examinadas. Outros autores portugueses, como Boaventura de Sousa Santos, ou outros teóricos pós-coloniais, oferecem visões alternativas e complementares.

Dessa forma, ao focar em Eduardo Lourenço, não buscamos uma visão definitiva ou monolítica do colonialismo, mas sim enriquecer o diálogo acadêmico com as contribuições deste autor. A obra de Lourenço serve como um ponto de partida, uma espécie de especulação intelectual que nos permite mergulhar nas múltiplas camadas e interpretações possíveis do colonialismo e de suas consequências na formação de identidades nacionais e culturais.

Ao longo desta dissertação, esperamos que a análise do pensamento de Lourenço nos permita desenvolver um entendimento mais matizado do colonialismo, que possa ser posteriormente complementado e desafiado por outras perspectivas.

O eurocentrismo, tal como abordado na obra de Eduardo Lourenço, refere-se à sobrevalorização da cultura, história e perspectivas europeias em detrimento de outras tradições culturais e históricas (Lourenço, 1999). Esta visão eurocêntrica, ao perpetuar relações de poder assimétricas e estereotipadas, influencia a maneira como Brasil e Portugal se enxergam reciprocamente. No âmbito das relações luso-brasileiras, o eurocentrismo manifesta-se de diversas formas, sendo notória a influência da histórica relação colonial entre ambos. Historicamente, o Brasil, enquanto colônia de Portugal, absorveu diversos aspectos culturais, linguísticos e sociais do colonizador. Este legado colonial fomentou uma visão eurocêntrica, na qual os valores, ideias e práticas europeias foram considerados superiores, enquanto as culturas indígenas e africanas foram marginalizadas e desvalorizadas. Lourenço, em sua obra, explora criticamente estas representações eurocêntricas e a operacionalização da alteridade¹ e a ética na construção das identidades brasileira e portuguesa (Lourenço, 1999).

¹ O termo "alteridade" é central na filosofia de Emmanuel Levinas (1969) e refere-se ao reconhecimento e respeito ao "Outro" como intrinsecamente diferente de si mesmo. Para Levinas, a alteridade não se reduz a uma simples diferença ou diversidade; é uma característica fundamental do ser humano que nos confronta com a infinitude e a singularidade do outro. O reconhecimento da alteridade implica uma responsabilidade ética inalienável perante o outro, sem a expectativa de reciprocidade. A ideia de Levinas desafia concepções tradicionais de ética e filosofia, colocando a relação com o outro no centro do pensamento ético. Em sua obra, Levinas argumenta que a ética, em vez de ser derivada da razão ou da liberdade individual, origina-se da face-a-face imediata com o outro o outro é sempre fundamentalmente diferente, e essa diferença não deve ser apagada ou ignorada, mas sim respeitada.

Ele interroga os estereótipos simplistas e hierárquicos historicamente atribuídos a ambos os países, desafiando, por exemplo, a visão do Brasil como exótico, tropical e sexualizado e de Portugal como antiquado, nostálgico e conservador. Da mesma forma, Lourenço destaca a importância de reconhecer a diversidade intrínseca a cada país, tendo em consideração suas histórias, contextos sociais, culturais e políticos. Como Le Goff enfatiza, “o verbo *memore* significa fazer recordar, donde avisar, iluminar, instruir. O *monumentum* é [...] tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação [...], ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas” (Le Goff, 1997, p. 95). Recordar não é apenas um ato passivo de lembrar algo; é um processo ativo que pode servir para alertar, esclarecer e educar e o termo “*monumentum*” (do qual derivamos a palavra “monumento”) não se refere apenas a uma estátua ou edifício físico. Para Le Goff, um monumento é qualquer coisa que evoca e mantém viva a memória do passado.

A superação de estereótipo e até mesmo do eurocentrismo, conforme proposto por Lourenço, alinhada à visão ética da alteridade, permite uma apreciação mais equilibrada e respeitosa das identidades. Isto implica em reconhecer as contribuições de todas as culturas e povos na formação das identidades brasileira e portuguesa, evitando a perpetuação de relações de poder desiguais e visões simplistas.

Ao superar o eurocentrismo e promover a compreensão da complexidade das identidades, é possível abrir caminho para diálogos mais autênticos e enriquecedores entre Brasil e Portugal.

Uma das contribuições mais relevantes de Lourenço reside em sua análise crítica das relações coloniais, que transcende a mera dimensão econômica e de poder. Ele enfatiza a importância de explorar as dinâmicas sociais, políticas, culturais e filosóficas que permeiam o colonialismo, incitando-nos a questionar a narrativa oficial e a dar voz aos povos colonizados e também aos colonizadores numa abordagem que vai além da visão histórica tradicional, valorizando suas perspectivas e experiências. “O que fomos como portugueses da Metrópole, o que éramos como donos reais ou potenciais de terras longínquas ficou separado e separado continuou praticamente até ao fim de uma das mais insólitas aventuras colonizadoras do planeta” (Labirinto da Saudade, pag. 39).

Lourenço faz uma reflexão sobre a dicotomia entre o que os portugueses eram como habitantes da metrópole (Portugal continental) e como detentores de terras distantes durante o período colonial. O autor aponta para duas realidades, a experiência vivida como portugueses na metrópole e a condição de serem donos reais ou potenciais de terras distantes, permaneceram separadas e distintas ao longo da jornada colonial portuguesa, “fomos, durante quase um século, um povo que navegava ao largo do Atlântico, afastando-se de um mundo que ficava no cais” (Ver é ser Visto, 2021). Segundo Lourenço, essas duas realidades se mantiveram distintas e independentes durante a jornada colonial portuguesa no período de colonização. Enquanto habitantes da metrópole, os portugueses viviam uma realidade cotidiana concreta, enraizada no contexto social, político e cultural de Portugal.

Por outro lado, como detentores de terras distantes, os portugueses aventuravam-se em um mundo desconhecido e distante, navegando pelo oceano Atlântico. Isso expandiu não apenas o seu domínio colonial, mas também a sua visão de mundo, conhecimento e identidade. Como Santos (1993) ressaltou, “Portugal estava demasiado próximo das suas colônias para ser plenamente europeu e, perante estas, estava demasiado longe da Europa para poder ser um colonizador conseqüente. Enquanto cultura européia, a cultura portuguesa foi uma periferia que, como tal, assumiu mal o papel de centro nas periferias não-européias da Europa. Daí o acentrismo característico da cultura portuguesa que se traduz numa dificuldade de diferenciação face ao exterior e numa dificuldade de identificação no interior de si mesma”. (Santos, 1993, p. 33).

Esta "via de mão dupla" indica que Portugal não apenas absorveu influências externas, mas também influenciou as culturas com as quais se relacionou. Resultado disso, a identidade portuguesa tornou-se dinâmica e fluida, continuamente moldada pela interação entre o "eu" e o "outro".

No entanto, essa interação não implica uma fusão completa das experiências e identidades entre os portugueses da metrópole e os colonos nas terras distantes. Esta distinção sinaliza uma falta de integração plena do colonialismo no imaginário e identidade portuguesa. Conforme sugerido por Santos (1993), a capacidade de Portugal de adaptar-se, integrar-se e transformar-se é única, mantendo, contudo, uma essência intrinsecamente portuguesa. A

identidade lusa é moldada por uma dualidade de introspecção e extroversão, uma reflexão interna e um olhar voltado para o exterior.

Esta dualidade entre o familiar e o desconhecido gera uma dicotomia. Não é apenas uma questão geográfica ou política, mas também uma transformação identitária. Como é observado em "Do Brasil, Fascínio e Miragem" (2015), "quer dizer, mais cedo do que se pensa, o português foi brasileiro". Assim, a empreitada colonial torna-se um espaço de autoconhecimento, onde os portugueses são confrontados com a complexidade da condição humana e a relatividade das suas convicções. A experiência colonial desafia as fronteiras físicas, culturais e existenciais, questionando a perspectiva eurocêntrica e revelando a pluralidade da experiência humana. Nesse contexto, "o português que se encontra com o Brasil, não se encontra com Portugal" (Do Brasil, Fascínio e Miragem, 2015). A jornada colonial é, assim, também uma jornada de transformação existencial.

Ao refletir sobre o "impensado" do colonialismo, Lourenço nos convida a repensar a nossa própria condição existencial, a questionar nossas certezas e a abraçar a complexidade do encontro com o "outro". Através desse confronto com o desconhecido, o homem é desafiado a expandir os horizontes, a questionar verdades concebidas e buscar uma compreensão mais profunda da diversidade e da interconexão humana. Esta reflexão emerge do conceito de "alteridade", que implica no reconhecimento e compreensão da diferença como algo intrínseco à condição humana (Lourenço, 2014).

Lourenço postula, que a experiência colonial, em sua plena magnitude, transcende a simples aquisição de terras e recursos, e se torna um espelho reflexivo para o indivíduo. Esse encontro com o "outro", com o diferente, impulsiona a revisão e a expansão da consciência individual e coletiva, provocando uma reflexão introspectiva e crítica que ultrapassa as fronteiras geopolíticas para desvendar a diversidade e a interconexão humana (Lourenço, 2021).

A abordagem de Lourenço sobre o colonialismo serve como uma alegoria para a exploração do desconhecido e a necessidade de um constante questionamento e aprendizado. As ideias e reflexões apresentadas por Lourenço remetem à constante busca por significado e compreensão em um mundo diverso e interconectado.

A aventura colonial representa uma oportunidade de exploração de terras desconhecidas e de encontro com culturas diferentes, e também o encontro com o “outro” com o diferente o que pode levar os colonizadores a se depararem com novas experiências e perspectivas que desafiam seus costumes e conceitos preestabelecidos. Ao mesmo tempo a colonização também pode ser vista como um processo de reprodução e imposição dos padrões culturais e sociais da metrópole sobre os territórios colonizados. Os colonizadores, muitas vezes, buscaram manter suas tradições e valores, criando espaços e instituições que reproduzem a cultura de origem. Essa dicotomia entre viver o novo e reproduzir os costumes ocorre simultaneamente durante a experiência colonial.

Essa jornada pelo pensamento de Lourenço nos levará a uma profunda reflexão sobre as assimetrias de poder, e os desafios enfrentados pelos povos envolvidos. É uma oportunidade para examinarmos criticamente as consequências desse processo histórico e compreendermos a importância de considerar as experiências desses povos que não saíram imune a esse processo, conforme afirma Lourenço “a maior miséria do colonialismo é que ela coloniza os colonizadores” (*Do Brasil, Fascínio e Miragem* pag. 24), e essa é uma dolorosa ironia. O ato de colonizar, com suas dinâmicas de exploração, dominação e descobertas, acaba por moldar também a identidade dos próprios colonizadores.

A experiência colonial representou um desafio multifacetado para os homens daquela época. Eles tiveram que lidar com as dificuldades práticas e logísticas da colonização, assim como com as questões existenciais e éticas inerentes ao processo. Assim como os personagens de Guimarães Rosa em “*Grande Sertão: Veredas*” (1956), os colonizadores foram confrontados com uma realidade complexa que exigiu adaptação e lhes exigiu diferentes aspectos de suas personalidades.

Na natureza humana não existe necessariamente um purismo absoluto, mas a presença de elementos que se mesclam e coexistem simultaneamente. A personagem de Diadorim em “*Grande Sertão: Veredas*” (1956) ilustra essa mescla de características. Diadorim é uma figura que representa o “sertão” em sua plenitude - um lugar de contradições, ambiguidades e transformações, um lugar onde as convenções sociais e identitárias são constantemente desafiadas e redefinidas. Assim, a personagem Diadorim contribui significativamente para a complexidade e a riqueza da obra “*Grande Sertão: Veredas*”, reafirmando o lugar do romance

como uma exploração profunda da condição humana. A dualidade presente em Diadorim é um reflexo da complexidade da natureza humana, como sensibilidade e bravura, em uma mesma personalidade. Essa mescla de atributos torna a personagem multifacetada.

Através da figura de Diadorim, Guimarães Rosa nos convida refletir sobre a complexidade humana e quebrar estereótipos e padrões preestabelecidos. Diadorim representa a possibilidade de conciliar diferentes aspectos da existência humana, sem a necessidade de se enquadrar em categorias ou dicotomia simplistas.

A obra “Grande Sertão: Veredas” é rica em passagens que destacam a complexidade humana em suas experiências pessoais, existenciais e históricas revelando a natureza multifacetada dos seres humanos, o autor reflete sobre a natureza das vivências e sugere que a essência da vida está tanto no que somos quanto no que não somos “a gente se afirma na vida pelo que é, mas o mais igualmente pelo que não é” (Guimarães Rosa, Grande Sertão: Veredas, 1956) enfatizando a multiplicidade e a ambiguidade que existe dentro do ser humano.

Assim como na obra de Guimarães Rosa que exemplifica a complexidade da natureza humana e sua capacidade de abrigar elementos contraditórios, podemos estabelecer uma conexão com a complexidade colonial, destacando como ambos os contextos lidam com os desafios multifacetados. Os colonizadores foram confrontados com uma realidade complexa que exigiu lidar com diferentes aspectos de sua personalidade, reforçando que “as relações são o que dão coesão ao sistema todo, conferindo-lhe um caráter de totalidade ou globalidade”. (VASCONCELLOS, 2010, p. 199). Ambos os contextos nos convidam a refletir sobre a multiplicidade e a mescla de elementos que nos compõem enquanto seres humanos e como lidamos com essas complexidades em nossas vidas, afinal a história é feita pelos homens.

Lourenço reconhece a complexidade do colonialismo como um fenômeno que extrapola a simples dinâmica de poder entre colonizador e colonizado. Ele argumenta que a identidade portuguesa foi moldada por um complexo processo de interação e negociação entre o "eu" e o "outro", o conhecido e o desconhecido, o centro e a periferia. O colonialismo, então, se torna um terreno fértil para o surgimento de identidades múltiplas.

Lourenço desafia narrativas hegemônicas que buscam justificar ou minimizar tais aspectos, para compreender a complexidade desse fenômeno histórico e explorar seu impacto na identidade portuguesa e brasileira – tópico que será abordado em capítulos posteriores.

As relações entre Brasil e Portugal possuem uma história rica e complexa, que envolve tanto aspectos positivos quanto desafios históricos “lida de forma diferente e mesmo oposta pelos discursos culturais dos dois países” (Do Brasil Fascínio e Miragem pag.11). É essencial abordar essa temática de maneira respeitosa, reconhecendo os laços culturais e históricos que unem e muitas vezes afastam essas duas nações.

É importante destacar que ambas as sociedades têm consciência dos momentos difíceis da história. No entanto, é igualmente fundamental enfatizar os avanços conquistados e as relações amistosas estabelecidas ao longo do tempo. “A leveza da zona fronteiriça torna-a muito sensível aos ventos. É uma porta de vai-vem, e como tal nunca está escancarada, nem nunca está fechada” (Santos, 1993, p. 36) são altamente influenciáveis e reativas a mudanças, sejam elas políticas, culturais, econômicas ou sociais por estarem no limite, são facilmente afetadas por influências externas.

Ao discutir essas relações, devemos promover o diálogo construtivo, buscando entender as perspectivas e experiências de ambos os lados. Isso nos permite aprender uns com os outros e fortalecer os laços culturais, históricos e acadêmicos entre Brasil e Portugal, reconhecendo as nuances históricas e valorizando o potencial de colaboração e enriquecimento mútuo que essas relações podem proporcionar.

1.1. Contextualização histórica do Colonialismo

Para compreendermos o impacto do Colonialismo na história mundial, é fundamental situá-lo em seu contexto histórico. Neste sentido, será apresentada uma breve contextualização do período em que ocorreu a expansão territorial portuguesa, destacando os principais eventos e motivações que impulsionaram as navegações e a colonização.

O período das Grandes Navegações, que teve início no século XV, marcou uma era de intensa exploração e expansão territorial por parte das potências europeias. Portugal em particular, desempenhou um papel fundamental nesse contexto, e “iria arrastar toda a Europa na sua esteira” (Ver é ser visto pag. 168. 2021) lançando -se ao mar em busca de rotas comerciais e

alternativas para as valiosas especiarias do Oriente, “simbolicamente, este empreendimento de carácter planetário receberá os belos nomes de “expansão”, de “conquista”, de “colonização””. (Ver é ser visto pag. 168. 2021)

Sob o comando de príncipes, navegadores e exploradores, como o infante D. Henrique, Bartolomeu Dias e Vasco da Gama, os portugueses empreenderam uma série de expedições marítimas que levaram ao descobrimento e à exploração de novas terras. Foi assim que se iniciou a relação com o Brasil, no ano de 1500, durante a expedição comandada por Pedro Álvares Cabral.

“Acontece, todavia, que mesmo na hora solar da nossa afirmação histórica, essa grandeza era, concretamente, uma ficção. Nós éramos grandes, dessa grandeza que os outros percebem de fora e por isso integra ou representa a mais vasta consciência da aventura humana, mas éramos grandes longe, fora de nós, no Oriente de sonho ou num Ocidente impensado ainda.” (Labirinto da saudade, pág. 26. 2020)

A presença europeia, incluindo a participação dos portugueses, delineou-se como uma força colonizadora, resultando em impactos significativos para as populações africanas e americanas. Não obstante, é crucial não obliterar a perspectiva de que a trajetória histórica europeia, incorporando Portugal, foi plasmada por processos colonizatórios anteriores, seja através da influência de outras nações europeias ou da interação com povos oriundos de territórios extraeuropeus.

É crucial entender que a história da colonização europeia, na qual Portugal desempenhou um papel significativo, não foi um aspecto isolado. O desenvolvimento histórico da Europa e, por extensão, de Portugal, foi moldado por experiências colonizadoras anteriores, que vão além de sua própria geografia.

Esses processos foram influenciados tanto por outras nações europeias quanto pela interação com culturas e sociedades fora da Europa. Isso inclui, por exemplo, o legado do Império Romano, as invasões bárbaras, e até mesmo as complexas relações comerciais e culturais com o mundo islâmico na Idade Média. (Braudel 1949)

Braudel (1949) também argumenta que nenhum evento histórico ou processo pode ser compreendido isoladamente; em vez disso, ele faz parte de estruturas mais amplas e de longo prazo que se movem em ritmos diferentes e que são interligadas.

Portanto, a trajetória colonizadora da Europa e de Portugal não pode ser totalmente compreendida sem uma análise cuidadosa dessas influências mútuas e das complexas redes de interação que as formaram. Ignorar essa complexidade histórica seria simplificar uma característica multifacetada que se estende por continentes e culturas.

O colonialismo, em todas as suas formas e manifestações, deve ser aplicado dentro de um contexto mais amplo, que leve em conta tanto as dinâmicas de poder quanto as influências culturais e sociais reciprocamente construtivas e destrutivas.

Tal perspectiva tem como desejar situar a expansão colonial dentro de um contexto mais amplo, permitindo que a história muitas vezes se componha de interações complexas e dinâmicas de poder que transcenderam diferentes cenários.

As sociedades africanas e americanas, antes mesmo da chegada dos europeus, também participaram de práticas coloniais e de sistemas de escravidão. Esse olhar sugere que os processos coloniais e as relações de poder associadas não foram exclusivos da Europa, mas sim uma característica mais ampla da experiência humana ao longo das eras.

Eduardo Lourenço destaca uma contradição entre a afirmação histórica de grandeza do povo português e a realidade concreta da época. Ele ressalta que essa grandeza era na verdade, uma ficção, uma imagem percebida pelos outros de fora. Embora essa grandeza pudesse ser reconhecida e integrada à consciência coletiva da aventura humana, ela estava distante e fora do alcance dos portugueses em seu próprio território. No entanto, ainda tinha a capacidade de ser reconhecida e integrada à consciência coletiva da humanidade como parte da grande aventura histórica que todos os povos compartilham. Como podemos observar no trecho da obra "Os Lusíadas" de Camões, "Cantai o peito ilustre lusitano, Que, navegando a terra nunca usada, Nas ondas vossas do Oceano Mais claro nome nos deixou na amada." estabelece o tom do poema, celebrando as façanhas dos navegadores portugueses que se aventuraram em águas desconhecidas e trouxeram grande prestígio a Portugal através de suas descobertas. É um convite poético para que todos celebrem esses feitos heróicos. (Camões 1572)

No entanto o que Lourenço aponta é a contradição entre a imagem e a realidade, embora essa grandeza possa ser uma construção idealizada ou exagerada, ela ainda faz parte do legado histórico e cultural de Portugal, sendo reconhecida e valorizada por outros povos. Ao mencionar a “consciência coletiva da aventura humana” destaca que a história de cada nação contribui para a rica tapeçaria da experiência humana ao longo do tempo.

Essa grandeza era associada ao sonhado Oriente ou a um Ocidente ainda impensado, ainda não explorado ou compreendido. Lourenço sugere uma discrepância entre a grandiosidade imaginada e a realidade vivenciada pelos portugueses em seu contexto histórico.

Dessa forma, o autor coloca em discussão a romantização e a idealização do passado português, questionando a dissonância entre a grandiosidade imaginada e a realidade vivida, convidando à refletir sobre a complexidade e ambiguidade das narrativas históricas e a considerar uma perspectiva mais contextualizada do colonialismo e da história de Portugal, considerando as dificuldades reais enfrentadas em sua jornada de exploração territorial.

Ainda assim, a expansão territorial portuguesa durante as Grandes Navegações representou um marco de grande relevância tanto na própria história, quanto na história mundial. Esse processo desencadeou uma série de transformações econômicas, sociais, políticas e culturais, cujos reflexos perduram até os dias atuais. O contexto histórico das Grandes Navegações e o impacto do colonialismo e suas implicações tem relação intensa na formação das sociedades contemporâneas.

No campo cultural, os valores, as crenças e as práticas europeias trouxeram consigo uma forte influência na identidade e nos modos de vida das populações colonizadas. Resultando na assimilação de elementos estrangeiros e na reconfiguração das tradições locais, criando um cenário de hibridismo cultural.

É importante ressaltar que esses impactos do colonialismo não se restringem apenas aos povos colonizados. Os colonizadores também foram afetados por essa dinâmica. A própria experiência de colonizar e administrar territórios distantes gerou mudanças na identidade e na percepção dos colonizadores, influenciando a visão de si mesmos e de sua relação com o mundo.

Lourenço argumenta “[...] tinham fatalmente de contaminar e mesmo de transformar radicalmente a imagem dos Portugueses não só no espelho do mundo mas no nosso próprio Espelho”. (Labirinto da saudade, pag. 37) Através de interações com outras culturas e do contato com diferentes visões de mundo, a imagem dos portugueses foi “contaminada” e passou por uma transformação.

Na relação com o Brasil segundo Lourenço, Portugal, enfrentou um desafio peculiar, se viu confrontado com um vasto território e uma riqueza natural exuberante, o que gerou tensões e transformações significativas na sociedade portuguesa da época.

É relevante salientar a profunda tensão gerada entre a visão de Portugal como nação “pequena” e “marginal” na Europa e a sua realidade enquanto potência colonial que controlava vastos territórios na África, Ásia e, no Brasil. Esta disparidade, de acordo com Lourenço, acarretou profundas mudanças psicológicas e culturais nos portugueses.

Em seu livro “O Labirinto da Saudade”, Lourenço descreve este conflito como uma espécie de “esquizofrenia” nacional, na qual Portugal se vê dividido entre uma imagem de si enquanto “metrópole” e uma percepção de si enquanto nação colonial.

Outra tensão evidente é a provocada pela confrontação entre a sociedade portuguesa, que era predominantemente rural e marcada por uma economia feudal, e a riqueza e opulência das colônias, particularmente o Brasil. A exploração do ouro e dos diamantes no Brasil no século XVIII, por exemplo, provocou um influxo maciço de riquezas em Portugal que desestabilizou a economia e provocou conflitos sociais.

As marcas deixadas por essas tensões e transformações são múltiplas. No plano cultural, por exemplo, a colonização do Brasil influenciou profundamente a literatura, a arte e a música portuguesas. No plano social, a mobilidade de pessoas entre a metrópole e as colônias fomentou uma mestiçagem cultural e racial que desafiou as noções portuguesas de identidade e alteridade.

No plano psicológico, o colonialismo deixou marcas profundas na consciência coletiva dos portugueses. A exploração colonial e a escravidão, por exemplo, foram largamente ignoradas ou romantizadas nas narrativas oficiais portuguesas até o século XX, quando começaram a ser revisitadas e questionadas por intelectuais como Eduardo Lourenço.

Portanto, ao examinarmos o colonialismo, é fundamental considerar os impactos abrangentes, numa abordagem ampla que nos permite compreender a complexidade desse fenômeno histórico e suas ramificações até os nossos dias.

1.2. O ‘Impensado’: Reflexões sobre o colonialismo e suas contradições

Eduardo Lourenço, propõe uma abordagem interdisciplinar, dialogando com a filosofia, a literatura e a sociologia para uma melhor e mais ampla compreensão das dinâmicas coloniais, critica a visão idealizada do colonialismo português como uma missão civilizadora, para ele “é indispensável reverter a miragem eurocêntrica que nos condena à cegueira”, argumentando que essa visão desconsidera os aspectos negativos do processo, como a exploração econômica, a violência e a opressão contra os povos colonizados.

Na obra “Do colonialismo como nosso impensado” o filósofo reflete sobre a presença do colonialismo na cultura portuguesa e como esta presença é frequentemente ignorada ou subestimada. Num período de cinquenta anos, da década de cinquenta até início dos anos dois mil é o tempo que o autor escreve os ensaios que posteriormente são compilados no livro. Essa referência se torna relevante pois abrange um intervalo de tempo significativo de quase cinquenta anos no qual o autor se dedicou ao estudo e a reflexão sobre o colonialismo português e suas implicações. Essa ampla temporalidade permite uma análise mais abrangente e aprofundada do tema, englobando desde o contexto histórico do regime salazarista até o período pós colonial.

Ao longo do período, o autor passou por algumas etapas em seu trabalho e pensamento. É importante destacar que essa é uma trajetória intelectual extensa e complexa, na qual ele abordou uma variedade de temas e questões. Em 1958, Lourenço viveu no Brasil “o único país que é simultaneamente expressão do mesmo e do diferente” onde teve contato com a realidade colonial e começou a se interessar pelo tema do império e da colonização portuguesa “a minha descoberta do Brasil, escassa no tempo superficial, mas diversa e fundamente sentida” (Do Brasil, Fascínio e Miragem. Pág. 189. 2015). Essa experiência influenciou profundamente suas reflexões sobre a identidade portuguesa e brasileira e o legado colonial.

Antes mesmo da sua estadia no Brasil, o autor já possuía um conhecimento significativo sobre a cultura brasileira. Sua familiaridade com esses temas foi adquirida principalmente por meio de estudos e leituras prévias.

Lourenço era um intelectual atento e curioso, sua busca pelo conhecimento abrangia diversas áreas do saber. Ele dedicou-se ao estudo da filosofia, da literatura e das manifestações culturais, tanto de Portugal quanto de outras partes do mundo

Sua imersão na cultura brasileira ocorreu durante sua estadia no país, onde teve a oportunidade de vivenciar de forma mais direta a riqueza cultural brasileira, o fez ampliar ainda mais o seu entendimento sobre os aspectos culturais e a identidade brasileira, e por isso afirma: “A cultura brasileira é um amazônico tecido que os próprios brasileiros só com dificuldade dominam e estruturam. A primeira vista, é a mais descontraída e descomplexada cultura que alguém possa imaginar, sobre tudo para quem se lembra que tal cultura revela de um *pecado original* de infundáveis consequências: a colonização” (Do Brasil, Fascínio e Miragem. Pág. 174. 2015).

Essa constatação o levou a refletir sobre as origens históricas da cultura brasileira, especialmente em relação ao legado da colonização. Nesse sentido, suas experiências no Brasil contribuíram para enriquecer sua crítica ao colonialismo e ao autoritarismo questionando ainda mais a identidade nacional portuguesa durante o período do regime salazarista² em Portugal. “Foi aqui no Brasil que, paradoxalmente, comecei a interessar-me por este tema do império, da colonização. No fundo foi aqui que nasceu a ideia de que não se podia ter uma leitura da história portuguesa, sem conhecer esta outra parte do que tinha sido o império português. (Do Brasil Fascínio e Miragem pág. 249. 2015).

É crucial entender que a ideia do "Império" e identidade da expansão marítima como elementos centrais não é uma invenção do Estado Novo; ela tem raízes mais profundas na

² O regime Salazarista, também conhecido como Estado Novo, refere-se ao período do governo do ditador António de Oliveira Salazar em Portugal, que durou de 1932 a 1968. Este regime foi caracterizado por um governo autoritário, políticas nacionalistas e conservadoras, censura à imprensa e uma forte ênfase na autarquia. Salazar manteve Portugal neutral durante a Segunda Guerra Mundial e presidiu durante a maior parte do período das guerras coloniais em África, mantendo o controle português sobre suas colônias apesar das crescentes pressões internacionais para a descolonização. Pinto, António Costa., 1999.

história portuguesa. A Monarquia já havia previsto a importância do império ultramarino, e a queda desta foi, em parte, resultado do "Ultimato Inglês" de 1890, que desafiou as pretensões coloniais de Portugal em África e levou a uma onda de indignação nacional.

O envolvimento de Portugal na Primeira Guerra Mundial, que ocorreu durante a Primeira República, também foi fortemente influenciado pelo desejo de proteger os seus interesses coloniais, especificamente na África. Isso demonstra a continuidade do imperativo colonial através de diferentes regimes políticos em Portugal.

Assim, enquanto o Estado Novo pode ter formulado uma ideologia imperial de uma maneira particular, adaptada às suas necessidades políticas e ideológicas, ele fez isso sobre um substrato de ideias e atitudes que já faziam parte do discurso nacional português.

A representação do passado colonial e marítimo de Portugal é, portanto, o resultado de um longo processo histórico, moldado por várias forças políticas e sociais, e não pode ser atribuído exclusivamente a qualquer regime ou período específico.

O Estado Novo pode ter deixado uma marca de firmeza na percepção do colonialismo em Portugal, mas essa visão foi construída sobre fundamentos já existentes e continuou a ser objeto de debate e reconsideração no período pós-revolução e democrático.

Lourenço foi um crítico contundente do colonialismo e do autoritarismo político, seus ensaios abordam a contradição entre a imagem grandiosa e mítica de Portugal e a realidade opressiva do regime, questionando a própria identidade nacional portuguesa. Após a Revolução dos cravos em 1974, que marcou o fim do regime salazarista e o início de um período de transição política e descolonização, Lourenço continuou a refletir sobre as questões pós-coloniais. Ele examinou as consequências do processo de descolonização e as relações entre Portugal e suas antigas colônias, como Angola, Moçambique, Cabo Verde e Brasil.

Ao longo dessas diferentes etapas desenvolveu uma abordagem crítica desconstrutora em relação à mitologia colonial e à construção da identidade portuguesa, "não fui a única pessoa em Portugal, que pensou, então, que era urgente reformular o nosso discurso histórico e cultural" (Labirinto da saudade pág. 11. 2000).

Uma das principais críticas de Lourenço é a noção do “luso tropicalismo”, um conceito que sustenta a ideia de que Portugal é uma nação benevolente e harmoniosa, especialmente em relação as suas antigas colônias.

O conceito de luso-tropicalismo foi desenvolvido pelo sociólogo brasileiro Gilberto Freyre na metade do século XX, especialmente em sua obra "O Luso e o Trópico" (1961). O Luso-tropicalismo surgiu como uma teoria que buscava explicar as particularidades do colonialismo português nos trópicos e suas implicações para as sociedades coloniais, particularmente no Brasil, na África e em outras partes do mundo onde Portugal teve territórios.

Freyre argumentou que os portugueses tinham uma habilidade especial para se adaptarem e se integrarem com outros povos, particularmente em climas tropicais. Ele sugeriu que essa adaptabilidade levou a uma forma mais benigna de colonialismo e a sociedades mestiças mais harmoniosas em comparação com outras potências coloniais. Segundo essa visão, os portugueses seriam naturalmente mais submetidos à miscigenação e à convivência em harmonia com os povos colonizados, o que explicaria a diversidade racial e cultural das ex-colônias portuguesas como o Brasil.

O Luso-tropicalismo foi por um tempo influente na construção da identidade nacional brasileira e na promoção das relações entre Portugal e suas ex-colônias. No entanto, a teoria também recebeu várias críticas. O Luso-tropicalismo é, um tema controverso que gerou um grande corpo de literatura, tanto apoiando quanto contestando as afirmações de Freyre.

No entanto, é inegável que o conceito de luso-tropicalismo oferece um ponto de partida interessante para a discussão sobre a construção de identidades nacionais e as dinâmicas complexas entre metrópole e colônia. Ele também serve como um contraponto à literatura que aborda o colonialismo como uma experiência monolítica, desprovida de variações nacionais ou regionais.

Lourenço desafia a ideia de uma identidade nacional homogênea, destacando múltiplas influências e hibridismos culturais que compõe a realidade portuguesa. Ele busca desconstruir as ilusões e os mitos que foram construídos ao longo da história, a fim de promover uma compreensão mais profunda e autêntica da identidade portuguesa.

O autor também examina as contradições presentes na construção da identidade portuguesa. Explora o chamado “complexo de inferioridade” que muitas vezes permeia a consciência nacional, resultante da história de um país que, apesar de sua grandiosa epopeia marítima, teve um desenvolvimento menos influente em termos de poder e influência internacional em comparação com outras nações europeias.

Ao fazer isso, convida os portugueses a olharem para além das narrativas tradicionais e a confrontarem os aspectos inconscientes e não resolvidos de sua história colonial, a fim de se reconstruírem de forma mais crítica e consciente. Seus escritos são uma chamada à reflexão e à autoconsciência, buscando uma compreensão mais ampla da identidade nacional.

Eduardo Lourenço fez parte de um contexto intelectual e literário muito rico, em Portugal e na França, onde viveu grande parte de sua vida. No entanto, a obra de Lourenço se destacou e se diferenciou das correntes literárias dominantes de sua época. Sua abordagem crítica e desconstrutora da identidade portuguesa, sua reflexão sobre o colonialismo e o autoritarismo, e sua exploração da relação entre história, cultura e psicanálise o tornaram um pensador singular e original, diferenciando de seus contemporâneos. O que pode ter dado a ele uma certa sensação de distância ou isolamento em relação a outros escritores. Enquanto o regime salazarista e uma parte da sociedade portuguesa celebravam a grandiosidade e a mitologia do império colonial, Lourenço questionou e problematizou essa narrativa.

Segundo Lourenço, Portugal tem uma relação ambígua com o seu passado colonial, em que oscila entre o orgulho e o remorso. O autor argumenta que o colonialismo é impensado na cultura portuguesa, pois suas marcas estão presentes de forma implícita na língua, nas crenças, nos valores e nos hábitos do povo.

“(…) é a ambiguidade que parece caracterizar, em graus diversos, as múltiplas atitudes que a sociedade portuguesa toma em relação ao seu passado colonial: ora se orgulha do que fez no mundo, ora se envergonha e se desculpa como se nada tivesse acontecido, como se o colonialismo não fosse um facto ainda recente e muito presente na sua língua, nas suas crenças, nos seus valores, nos seus hábitos. (Lourenço, pag. 24, 2019)

Na obra “Do Colonialismo como nosso impensado”, Eduardo Lourenço aborda a reflexão sobre o colonialismo em Portugal. Em sua passagem pela universidade da Bahia em 1958 foi

um momento importante para Lourenço aprofundar o tema, considerando o contexto histórico do salazarismo em Portugal. A percepção do autor é composta por dois momentos: um reflete sobre e crítica da mitologia colonialista e o outro sobre as heranças vivas desse período e suas implicações para Portugal e para as antigas colônias. Esta obra problematiza o colonialismo português, desde a sua famosa epopeia marítima até a atualidade da lusofonia. Um convite para uma reflexão sobre a história e as consequências do colonialismo, contribuindo para uma compreensão mais crítica e aprofundada da identidade portuguesa e sua relação com o mundo.

O conceito de “impensado” que aparece no título da obra, remete à ideia de que certas coisas ou conceitos são tão arraigados na cultura portuguesa que nem sequer são questionados, tornando-se, “não pensado” ou problematizado. O autor atribui o mecanismo de negação interpretativa tanto à mitologia imperialista nacional quanto à constelação heterodoxa de interpretes da história e da identidade nacional. Sugerindo que a negação e a ocultação de certos aspectos da história e da identidade nacional são tão arraigadas que se estendem para além das fronteiras políticas e ideológicas.

Eduardo Lourenço destaca que o impensado não é algo que se opõe ao pensamento, mas algo que precede e o segue. Ou seja, na sua visão, a forma como foi pensado o colonialismo, o português marginalizou o seu conteúdo e relegou para um espaço radicalmente outro, o seu impensado. A tarefa do autor, portanto, foi a de pensar o impensado e reconduzi-lo ao pensado. Ele percebeu que, por dentro da mitologia nacional, o colonialismo ainda não tinha sido pensado, e que o silêncio foi paradoxalmente preenchido por um excesso de imagens, que eram funcionalmente importantes para a práxis histórica e política do império português. Destaca ainda a figura de Salazar, que em sua retórica, enfatizava a grandeza de Portugal como país colonizador, sem se preocupar em pensar criticamente sobre as implicações desse processo colonialista.

A tarefa de Lourenço foi trazer o impensado de volta ao pensamento português tentando reconduzi-lo a ele. Seu foco está voltado para o silêncio, ou nos silêncios que permeiam a mitologia cultural de Portugal colonial e pós-colonial. Essa cartografia do silêncio é utilizada para desativar e desmembrar por dentro o discurso colonialista português, evidenciando falhas e incoerências presente nele. Em resumo o autor busca desconstruir o discurso

colonialista português, tornando-o objeto de reflexão crítica, para desvendar os mecanismos que o mantiveram em vigor por tanto tempo. Dessa forma, o trabalho de Eduardo Lourenço contribui para uma reflexão crítica sobre a história e a cultura portuguesa, abordando questões sensíveis e complexas como o colonialismo, e a identidade nacional.

O método de análise do autor é baseado na sua perspectiva histórica e ideológica, focando em particular os eventos históricos e as representações culturais e políticas que caracterizam a atualidade em que viveu. No entanto, ele não se deixa limitar pelas perspectivas dominantes ou pela ideologia reinante, e é capaz de criticar tanto as posições opostas às suas quanto as soluções excessivamente autodepreciativas. Sua abordagem crítica e reflexiva busca desvendar os mecanismos subjacentes que perpetuam a ideologia colonialista, e desconstruir os discursos que a sustentam, a fim de propor uma análise mais profunda e complexa do fenômeno colonial e suas implicações na cultura portuguesa.

“A não problematização da história portuguesa (com exceção de Oliveira Martins) é uma das características capitais da consciência nacional, e essa ausência de olhar crítico sobre nós está relacionada justamente com o facto de sermos os prodigiosos autores de uma gesta de colonização que nunca nos pôs problemas. Quando os houve, e graves, forma os outros que no-los puseram” (Do colonialismo Como Nosso Impensado.190-191. 2014)

De fato, Eduardo Lourenço aponta para o silêncio como um elemento chave na perpetuação do discurso colonialista em Portugal. Esse silêncio não se restringiu apenas ao período do regime salazarista, mas se estendeu desde os tempos dos descobrimentos e definiu os contornos de toda a questão imperial.

Esse silêncio se manifestou de diversas maneiras, seja através da ocultação de informações, da reticência em discutir certos temas ou do recalçamento de sentimentos e experiências. A análise do autor busca desconstruir esse silêncio e expor os mecanismos que o mantiveram em vigor por tanto tempo, tornando possível uma reflexão crítica sobre o discurso português e sua relação com a realidade colonial.

Mesmo após a Revolução dos Cravos³, em abril de 1974, que marcou a ruptura histórica e simbólica na consciência identitária portuguesa, o império e suas questões continuaram a ser “impensáveis”. Mesmo a transição rápida de Portugal de um país colonial para um país ex-colonial, ou pós-colonial não tornou o império objeto de reflexão crítica e de análise, e o silêncio persistiu. Lourenço reforça que através da análise crítica e a desmontagem desses silêncios é possível avançar em direção a uma compreensão mais completa e honesta do passado colonial de Portugal, afinal o que se destaca é “a não-fala cultural sobre aquelas realidades-tabus que estruturavam a opacidade do Antigo Regime” (Do Colonialismo Como Nosso Impensado. p264. 2014)

A questão do Império e sua descolonização não se tornaram temas de reflexão crítica e pensamento “pensável”. Ao invés disso, as transformações políticas e sociais foram tratadas como um mal-entendido em vias de total resolução, sem uma problematização adequada do colonialismo e suas consequências. O déficit de problematização contribuiu para que o silêncio continuasse mantido, “nada houve, não se passou nada, apenas um lamentável mal-entendido em vias de total resolução” (Do Colonialismo Como Nosso Impensado. p264. 2014).

Essa perspectiva permite perceber que o colonialismo português ainda é um tema que permanece actual e relevante, especialmente num contexto em que o país tem vindo a reavaliar a sua história colonial. De certa forma, Eduardo Lourenço nos convida a refletir sobre as raízes profundas do impensado para que se possa encontrar formas de lidar com o legado colonial, que ainda influencia a sociedade e a cultura de maneiras complexas e muitas vezes invisíveis.

Para esse autor há uma ligação entre o colonialismo e a formação da identidade do povo português. É reafirmada a importância de se conhecer essa identidade de forma crítica e

³ A "Revolução dos Cravos", que ocorreu em 25 de abril de 1974, representa um marco significativo na história contemporânea de Portugal. Este evento foi um movimento militar de natureza não-violenta que levou ao fim do regime autoritário do Estado Novo, presidido pelo então Primeiro-Ministro Marcelo Caetano, sucessor de António de Oliveira Salazar. A Revolução dos Cravos desencadeou uma série de eventos políticos e sociais que culminaram com a instauração de uma democracia e o início do processo de descolonização das colónias africanas. O nome deste movimento histórico remete ao simbolismo dos cravos, flores que foram distribuídas pelos militares e colocadas nos canos das espingardas como símbolo da revolução pacífica (Rosas, Fernando. 1996. "Portugal e o Estado Novo (1930-1960)". Edições Colibri).

complexa que levem em conta não só as conquistas fora das suas fronteiras, mas também sua própria história e cultura interna. Para ele as mitologias que permeiam o colonialismo revelam um aspecto profundo da identidade do país, que se construiu principalmente por meio das suas conquistas fora de suas fronteiras, sem olhar para dentro. Argumenta que é preciso desmistificar essas narrativas e mitologias. “As mitologias sobre as quais o colonialismo se articulou mostram algo de nosso e muito profundo: a identidade de um país que pela maior parte da sua história se construiu por fora, evitando assumir o seu olhar interior, o que ele era por dentro” (Lourenço 2014).

De acordo com a perspectiva de Lourenço, a ausência de uma problematização crítica da história portuguesa é uma peculiaridade significativa da consciência nacional. Nesse sentido, ele sustenta que, assim como o processo de colonização não provocou uma reflexão profunda na metrópole, a descolonização também não estimulou um questionamento substancial, uma vez que o estilo e o comportamento da metrópole colonizadora ainda são influenciados por uma estrutura mental semelhante.

Essa constatação se baseia em uma análise da continuidade de padrões de pensamento, comportamento e relações de poder que perpetuam uma visão eurocêntrica e estabelecem uma dinâmica de dominação e subalternidade. A falta de problematização da história portuguesa resulta em uma preservação das estruturas mentais e sociais que sustentam o projeto colonial, impedindo uma revisão crítica e uma transformação profunda da consciência nacional.

1.3. Considerações finais

Neste capítulo introdutório, apresentamos uma visão geral do colonialismo a partir da perspectiva de Eduardo Lourenço. No próximo capítulo a análise será aprofundada explorando os aspectos da construção da identidade.

As contribuições de Lourenço foram essenciais para a compreensão desse fenômeno histórico, indo além de suas dimensões econômicas e de poder. Lourenço desafia a visão predominante de eurocentrismo, convidando-nos a considerar as dinâmicas sociais, políticas, culturais e filosóficas que permeiam o colonialismo.

O diálogo entre Lourenço e o conceito de luso-tropicalismo, popularizado por Gilberto Freyre, nos oferece uma lente adicional para explorar a complexidade das relações coloniais. Enquanto Freyre apresenta uma visão que pode ser interpretada como idealizada do colonialismo português, a abordagem crítica de Lourenço serve para desmistificar essa visão, oferecendo uma análise mais abrangente e ponderada.

O legado de Lourenço é especialmente importante para desconstruir a dualidade entre a metrópole portuguesa e suas colônias. Ele ressalta que, apesar da distância geográfica e cultural, há uma interdependência inescapável que molda tanto o colonizador quanto o colonizado, uma complexidade que não pode ser totalmente abarcada por teorias como o Luso-tropicalismo.

Além disso, o autor destaca a complexidade existencial da experiência colonial, na qual colonizadores são confrontados com o desconhecido e desafiados a expandir seus horizontes e questionar suas certezas. Ele também ressalta como o ato de colonizar acaba por moldar e restringir a identidade dos próprios colonizadores, tornando-os prisioneiros de um sistema que busca impor sua cultura e interesses sobre os povos colonizados.

Ao refletir sobre o “impensado” do colonialismo, Lourenço nos convida a repensar nossa própria condição existencial, a abraçar a complexidade do encontro com o outro “e a buscar uma compreensão mais profunda de diversidade e intercomunicação humana.

No contexto dessa reflexão, estabelecemos uma conexão com a obra “Grande Sertão: Veredas”, de Guimarães Rosa, que também aborda a complexidade da natureza humana e a capacidade de conciliar diferentes aspectos da existência.

Ressaltamos a importância de abordar a temática do colonialismo de maneira respeitosa, reconhecendo os laços culturais e históricos entre Brasil e Portugal, e promover um diálogo construtivo que possibilite aprender uns com os outros e fortalecer os laços entre as nações.

Podemos observar que Lourenço abordou de forma crítica e reflexiva o tema do colonialismo português e suas implicações culturais e sociais. Sua obra “Do colonialismo como nosso impensado” oferece uma análise abrangente e profunda do assunto ao longo de um período significativo de cinquenta anos. A obra questiona a visão idealizada do colonialismo português como uma missão civilizadora, apontando os aspectos negativos do processo. Busca promover

uma compreensão mais profunda e autêntica da identidade nacional, considerando as influências e hibridismos culturais que compõem a realidade portuguesa.

Ao refletir sobre o passado colonial, Lourenço destaca a abordagem crítica desconstrutora em relação às correntes literárias dominantes de sua época. Sua reflexão sobre o colonialismo e o autoritarismo político, bem como sua exploração da relação entre história, cultura e psicanálise, o tornam um pensador singular e original.

Embora possa ter se sentido isolado em relação a outros escritores de sua época, suas obras contribuíram para uma compreensão mais aprofundada da identidade portuguesa e sua relação com o mundo, desconstruindo mitos e ilusões, e convidando os leitores a uma compreensão mais ampla da identidade nacional, buscando promover uma ressignificação histórica e uma maior consciência coletiva sobre os impactos do colonialismo na sociedade portuguesa.

Nas próximas seções, continuaremos a análise do colonialismo explorando a contextualização histórica desse fenômeno e discutindo as relações entre Brasil e Portugal, considerando os aspectos positivos e os desafios históricos envolvidos. Essa abordagem nos permitirá compreender a complexidade do colonialismo e seus impactos na identidade portuguesa e brasileira.

2. IDENTIDADE

2.1. Apresentação do tema Identidade brasileira e portuguesa

A identidade é um campo de estudos fundamental para compreensão da formação, dinâmica e relações entre diferentes grupos e sociedades. Ao considerar as histórias, tradições, valores e as relações coloniais entre eles, torna-se possível analisar as complexidades das identidades brasileiras e portuguesa. Como afirmou Zygmunt Bauman “a questão da identidade precisa envolver-se mais uma vez com o que realmente é: uma convenção socialmente necessária” (BAUMAN. RJ 2005. Pág. 13).

A investigação da identidade brasileira e portuguesa oferece uma oportunidade para um diálogo intercultural mais aprofundado, além de valorizar as relações históricas e culturais entre os dois países. Nesse contexto, nosso objetivo é analisa-lo a partir das considerações teóricas de Eduardo Lourenço nas obras “Do Brasil Fascínio e Miragem “e “Labirinto da Saudade”. Pretendemos contribuir para um melhor entendimento, fomentando a valorização mútua entre as duas nações.

O estudo das relações coloniais entre Portugal e seus territórios ultramarinos, bem como as consequências pós-coloniais, desempenha um papel fundamental na compreensão das dinâmicas de poder, das assimetrias e dos impactos culturais, sociais e existenciais que moldaram as identidades de ambos os países. Sob a perspectiva de Eduardo Lourenço, “o encontro com os outros é o verdadeiro encontro conosco” (Eduardo Lourenço. Labirinto da Saudade. Pág. 180. 2020), enfatiza a importância dos relacionamentos e encontros na nossa formação como seres humanos. Sugere que, ao interagirmos com os outros e considerarmos sua alteridade, somos desafiados a nos conhecer mais profundamente e a desenvolver uma consciência ética em relação aos outros e ao mundo ao nosso redor. Essa abordagem é crucial para uma análise crítica das estruturas e discursos que perpetuam relações. No contexto da colonização portuguesa, a exploração e o estabelecimento de impérios ultramarinos geraram uma série de interações e intercâmbios culturais entre Portugal e suas colônias, em especial o Brasil.

Essas relações coloniais desempenharam um papel central na configuração das identidades tanto dos colonizadores portugueses quanto das populações colonizadas. Ele nos convida a

refletir sobre as consequências do colonialismo na formação das identidades brasileira e portuguesa.

Ao adotar uma abordagem pós-colonial, é possível desvendar as assimetrias históricas e compreender como certas ideias, valores e representações que foram disseminados e internalizados. Essa perspectiva permite-nos examinar os mecanismos culturais e as heranças coloniais que ainda ecoam nas identidades contemporâneas dos dois países.

2.2. Identidade brasileira e portuguesa segundo Eduardo Lourenço

Lourenço analisou a identidade portuguesa e brasileira em suas obras, "Do Brasil Fascínio e miragem" e "Labirinto da saudade". Ele discute a identidade portuguesa como uma narrativa mítica que oscila entre o glorioso passado de descobrimentos e um presente de medo e desilusão. Segundo Lourenço, Portugal vive em um "labirinto de saudade", um estado de nostalgia pela sua grandeza perdida (Lourenço, "Labirinto da Saudade", p. 57).

Em "Do Brasil Fascínio e miragem", ele discute a complexidade da identidade brasileira. Argumenta que o Brasil tem uma identidade ambígua e multifacetada, moldada por uma mistura de culturas europeias, indígenas e africanas, e por um longo processo histórico de colonização e independência. A identidade brasileira, segundo ele, é marcada por uma constante negociação entre a herança colonial portuguesa e a busca por uma identidade autêntica e independente (Lourenço 2015).

Lourenço apresenta a noção de "fascínio" e "miragem" para descrever a relação complexa entre Portugal e Brasil. O "fascínio" refere-se à atração misteriosa e irresistível que o Brasil exerce sobre Portugal, enquanto a "miragem" simboliza a ilusão persistente de Portugal sobre sua relação com o Brasil, uma visão distorcida que obscurece a realidade da independência e da separação entre os dois países.

Lourenço enfatiza que a compreensão dessas identidades não pode ser separada do contexto histórico e cultural, em que as relações de poder, o colonialismo e o pós-colonialismo desempenham papéis fundamentais. Ele argumenta que a identidade é uma construção dinâmica e em constante mudança, moldada por uma complexa interação de fatores históricos, culturais, sociais e políticos, para o autor, "pensar o Brasil, a imensidão do seu

espaço, permite pensar o *ser português*” (Lourenço, *Do Brasil Fascínio e Miragem*, pág. 17. 2015)

2.3. Explorando identidade por Zygmunt Bauman

Zygmunt Bauman, sociólogo e filósofo polonês, em sua obra "Identidade", oferece uma interpretação intrincada e multifacetada do conceito de identidade. Bauman posiciona a identidade como uma construção social em constante fluxo, moldada por interações e processos sociais. Ele articula que “o anseio por identidade provém do desejo de segurança, por si só um sentimento ambíguo” (Bauman, *Identidade*, p.35), evidenciando a complexa natureza da identidade, que é simultaneamente influenciada por fatores históricos, culturais, econômicos e políticos.

Segundo Bauman, a identidade é caracterizada por um conflito contínuo entre a busca por constância e a necessidade de se adaptar a mudanças sociais e contextuais. Ele reitera que a identidade não é uma propriedade fixa ou inerente, mas é, ao contrário, uma construção contingente originada de interações e representações sociais.

Introduzindo a noção de "identidade líquida", Bauman caracteriza a identidade na sociedade contemporânea como fluída e volátil. Em uma era de incerteza e mudança acelerada, argumenta Bauman, as identidades tornam-se progressivamente instáveis e efêmeras. Os indivíduos são repetidamente impelidos a revisar e reformular suas identidades em resposta às exigências e influências de um ambiente em constante transformação, “uma identidade coesa, firmemente fixada e solidamente construída seria um fardo, uma repressão, uma limitação da liberdade de escolha” (Bauman, *Identidade*, p. 60. 2005).

Adicionalmente, Bauman ressalta o papel crucial das estruturas sociais na formação da identidade. Ele sustenta que as identidades individuais são modeladas por contextos sociais mais amplos, que incluem normas culturais, instituições sociais e estruturas de poder. Nesse sentido, a identidade é fortemente influenciada pelas estruturas e relações sociais que determinam as opções possíveis e a liberdade individual.

Em conexão com o pensamento de Eduardo Lourenço, a abordagem de Bauman sobre a identidade permite uma leitura rica e complexa das identidades brasileira e portuguesa. Para Lourenço, como para Bauman, a identidade não é um fenômeno estático, mas uma

construção social em constante mudança, moldada por uma complexa interação de fatores históricos, culturais, sociais e políticos.

A identidade individual é conceptualizada e negociada em relação às identidades coletivas, como etnias, comunidades culturais, classes sociais ou nacionalidades. Estas identidades coletivas fornecem um enquadramento e um conjunto de valores, símbolos e narrativas partilhados que influenciam a autoperceção dos indivíduos. Contudo, a identidade coletiva é composta por uma multiplicidade de identidades individuais, cada uma contribuindo para a diversidade e complexidade da identidade coletiva, uma vez que os indivíduos trazem suas próprias experiências, perspectivas e aspirações para o grupo (Bauman, 2005).

Bauman (2005) argumenta que a interdependência entre a identidade individual e coletiva implica que as identidades são construídas e negociadas num contexto social e relacional. Este processo de formação de identidade ocorre por meio de inclusões e exclusões, identificações e diferenciações em relação a outros indivíduos e grupos sociais. Vale ressaltar que a relação entre a identidade individual e coletiva é dinâmica e sujeita a transformações “tornando-nos conscientes de que o “pertencimento” e a identidade” não tem a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda vida” Bauman (Identidade. Pág. 17. 2005) As identidades individuais e coletivas se modificam à medida que as estruturas sociais se alteram e novos discursos e narrativas emergem.

Eduardo Lourenço argumenta que "Não existimos sem os outros e os outros são, em parte, o que de nós fazem" (Lourenço, 1978, p.123). Isto implica numa compreensão mais profunda que permite superar as marcas do passado e buscar uma relação mais harmoniosa entre Portugal e Brasil. Esta abordagem nos desafia a repensar estereótipos e a desconstruir visões hierárquicas que permeiam as relações entre os dois países (Lourenço, 2001). "O futuro é sempre um projeto que temos que preencher com a imaginação" (Lourenço, 2001, p.54). É um convite para olharmos para além das marcas do colonialismo, reconhecendo a diversidade e a pluralidade das identidades brasileira e portuguesa, e buscando um futuro de entendimento e cooperação entre os dois povos.

No contexto da “modernidade líquida”, um conceito cunhado por Zygmunt Bauman, postula a identidade como um conceito fluido e em constante transformação, espelhando as

alterações aceleradas da contemporaneidade. Segundo Bauman, no cenário da modernidade líquida, as identidades não são mais estáticas ou estabilizadas, mas estão sempre em fluxo, mudando em resposta a novas experiências e informações (Bauman, 2005).

Esta perspectiva aplica-se tanto à identidade individual quanto à coletiva, incluindo a identidade nacional. A concepção de identidade na modernidade líquida pode ser produtiva para compreender a identidade contemporânea de Portugal e do Brasil. Ambas as nações, à semelhança de todas as demais, estão em constante evolução, moldadas por fatores como a globalização, a imigração, a tecnologia e as mudanças sociopolíticas. As identidades nacionais portuguesa e brasileira atuais provavelmente contêm elementos que Lourenço poderia identificar, mas também novas características e influências que são fruto de uma era de rápidas transformações e fluxos globais constantes.

Em suma, a visão de Eduardo Lourenço sobre a identidade portuguesa e, em menor grau, brasileira, está enraizada em tradições históricas e culturais. A abordagem de Bauman, por outro lado, enfatiza a fluidez e a transformação contínua da identidade na era moderna. Conjuntamente, essas perspectivas podem oferecer um panorama complexo e profundo da identidade contemporânea em Portugal e no Brasil e pode residir nesta fluidez uma oportunidade de ressignificar estereótipos e uma visão por muito tempo cristalizada entre os dois países.

2.4. Identidade: uma análise a partir de Eduardo Lourenço

A obra de Eduardo Lourenço, em particular "Do Brasil Fascínio e Miragem" (Lourenço 2015), oferece uma análise perspicaz e provocativa sobre a relação entre Brasil e Portugal, explorando as percepções e representações mútuas que moldaram a identidade dos dois países.

Lourenço examina criticamente as representações e estereótipos que Portugal e Brasil têm um do outro, questionando os ideais de fascínio e miragem que permeiam essa relação. Ele destaca a influência histórica da colonização portuguesa no Brasil e as marcas que essa relação deixou na construção da identidade brasileira. Ao mesmo tempo, ele explora a miragem do Brasil como um país exótico e idealizado para os portugueses, ressaltando as projeções e idealizações que ocorrem nesse contexto.

Lourenço argumenta que tais estereótipos são simplistas e reducionistas, e podem perpetuar relações de poder desiguais e visões distorcidas da realidade. Para ele, essas representações são reflexo de um processo de "outrização", em que a alteridade do outro é enfatizada, frequentemente de forma negativa ou exotizante, e sua complexidade é ignorada ou simplificada (Lourenço, 1999).

O autor enfatiza a necessidade de desconstruir esses estereótipos para abrir espaço para uma compreensão mais complexa, nuanceada e respeitosa da identidade do outro.

Lourenço aborda a ideia do "Brasil sonhado" e do "Brasil vivido". Ele argumenta que a identidade brasileira é marcada por uma tensão constante entre essas duas dimensões. O "Brasil sonhado" é a representação idealizada do país, construída através de imagens e discursos exóticos, tropicais e sensuais. Já o "Brasil vivido" refere-se à realidade complexa e diversificada do país, com suas múltiplas faces, vozes e experiências. Sua análise nos leva a questionar as construções imaginárias e simbólicas que surgem dessa relação e a compreender a fluidez e a complexidade da identidade em um contexto intercultural.

Além disso, Lourenço ressalta a importância do contexto histórico na compreensão da relação Brasil-Portugal. Ele examina as diferenças entre as experiências coloniais portuguesa e espanhola, enfatizando como essas diferenças influenciaram as dinâmicas identitárias no Brasil e em outros países latino-americanos.

Para Lourenço, superar essa visão eurocêntrica significa valorizar as particularidades e riquezas da cultura brasileira em seus próprios termos, sem a necessidade de compará-las ou subordiná-las a parâmetros europeus. Isso envolve reconhecer a pluralidade e a diversidade que constituem a identidade brasileira, compreendendo o país como um espaço de convivência entre múltiplas culturas e histórias. Essa superação do eurocentrismo, segundo Lourenço, é um processo complexo e desafiador, pois exige questionar e reavaliar noções arraigadas sobre identidade, cultura e história. No entanto, ele destaca que esse processo é crucial para a formação de uma identidade brasileira mais autêntica e equilibrada, uma que seja capaz de refletir as diversas dimensões da experiência brasileira (Lourenço 2000).

Um exemplo disso pode ser observado na maneira como Lourenço considera a língua portuguesa no Brasil. Ele reconhece que o português brasileiro não é uma mera extensão do

português de Portugal, mas uma língua com suas próprias características, influências indígenas e africanas e nuances regionais. “Nenhum exemplo é mais relevante do que o do Brasil. É um continente escrito em português, mas num *português-outro*, adoçado pela brisa dos trópicos, a música africana, o contributo de todos os que o destino aí levou ao longo dos últimos dois séculos. (Lourenço. Ver é ser Visto. Pág. 193 2021).

Além disso em sua passagem pelo Brasil em 1958, “na Bahia assistiu ao lançamento de Gabriela, Cravo e Canela”(Lourenço 2015) onde teve a oportunidade de conviver mais de perto com autores brasileiros e ver seus personagens andando pelas ruas, isso fez com que a apreciação pela literatura se aprofundasse ainda mais. Autores como Machado de Assis, Guimarães Rosa e Clarice Lispector desenvolveram estilos literários únicos, que refletem a realidade brasileira e contribuem para a formação da identidade nacional. Para Lourenço, a valorização desses autores e suas obras em seus próprios termos representa um afastamento da visão eurocêntrica que os subordinaria a um cânone literário europeu (Lourenço, 2015).

A música brasileira fornece um exemplo ilustrativo da visão que Lourenço aponta como superação do eurocentrismo. Gêneros musicais como samba, bossa nova, forró e axé são expressões distintas da identidade e da criatividade cultural brasileira, com raízes em influências africanas, indígenas e europeias. Para Lourenço, valorizar essas expressões musicais em seus próprios termos significa reconhecer sua singularidade, sua autenticidade e o papel que desempenham na formação da identidade nacional brasileira, em vez de julgá-las com base em padrões europeus de "alta cultura" (Lourenço, 2002).

Outro exemplo são as artes visuais brasileiras, que vão desde a arte indígena e afro-brasileira até o modernismo brasileiro e a arte contemporânea, oferecem outro exemplo de como a cultura brasileira pode ser valorizada em seus próprios termos. Artistas como Tarsila do Amaral, Candido Portinari entre outros, incorporaram elementos da cultura brasileira em suas obras, criando uma estética distinta que reflete a diversidade e a complexidade do Brasil. Essas obras de arte são exemplos do enriquecimento cultural que ocorre quando as particularidades da cultura brasileira são valorizadas.

Essa pluralidade cultural brasileira, destaca a riqueza das tradições culturais indígenas, afro-brasileiras e regionais que compõem o mosaico cultural brasileiro. Superar a visão

eurocêntrica, portanto, envolve não apenas o reconhecimento dessa diversidade, mas também a valorização das contribuições dessas culturas para a identidade nacional brasileira. Em vez de serem vistas como periféricas ou secundárias à cultura europeia, elas são entendidas como partes essenciais e valorizadas da identidade brasileira (Lourenço, 2015).

2.4.1. Estereótipos, mitos e fantasias envolvendo a relação Brasil-Portugal

A relação entre Brasil e Portugal é permeada por uma série de estereótipos, mitos e fantasias que moldam as percepções mútuas e contribuem para a construção de narrativas identitárias complexas que esses elementos e sua influência na dinâmica dessa relação bilateral.

Os estereótipos desempenham um papel significativo na relação Brasil-Portugal, perpetuando imagens simplificadas e generalizadas de ambos os países e seus habitantes. No século XIX, portugueses que retornavam do Brasil eram frequentemente apelidados de “brasileiros torna-viagem”, um termo que carregava certa ironia. Fernando Catroga (1996) observa que a expressão sugeria que esses emigrantes regressavam a Portugal não para trabalhar, mas para descansar. Existia um estigma em torno deles, pois acreditava-se que, após buscarem fortuna no Brasil, voltavam apenas para desfrutar de seu lazer e do rendimento de suas economias. Muitos escritos da época retratam e simbolizam esta figura do “brasileiro torna-viagem”. No caso do Brasil, por exemplo, é comum o estereótipo de um país exuberante, tropical e festivo, associado a elementos como samba, futebol e Carnaval (Buarque de Holanda, 1995). Por outro lado, Portugal é muitas vezes estereotipado como um país tradicional, conservador e nostálgico, ligado a referências históricas e culturais do passado.

Esses estereótipos tendem a simplificar a realidade complexa e diversa dos dois países, criando uma imagem superficial que nem sempre reflete a pluralidade de suas identidades. Ao mesmo tempo, esses estereótipos podem levar a generalizações e preconceitos, reforçando visões distorcidas e limitadas da realidade.

Além dos estereótipos, a relação Brasil-Portugal também é permeada por mitos e fantasias. Esses mitos surgem a partir de narrativas históricas, literárias e culturais que se perpetuam ao longo do tempo. Por exemplo, o mito do “descobrimento” do Brasil por Portugal, atribuído à figura de Pedro Álvares Cabral, constrói uma narrativa que enfatiza a superioridade e o papel civilizador dos portugueses na formação do Brasil.

Outro mito que permeia essa relação é o da "tropicalidade" brasileira, que associa o país a uma ideia de exotismo e sensualidade. Esse mito influenciou diversas representações artísticas e culturais, mas também pode reforçar visões superficiais sobre a identidade brasileira. Essas fantasias podem ser entendidas como projeções idealizadas e imaginárias que cada país faz sobre o outro. Por exemplo, a fantasia do Brasil como um paraíso tropical pode despertar o fascínio dos portugueses, enquanto a fantasia de Portugal como uma terra de tradições e história pode atrair o interesse dos brasileiros.

Essa ótica influencia as percepções e as representações mútuas entre Brasil e Portugal, contribuindo para a construção de identidades complexas e em constante negociação.

O Brasil, por exemplo, é frequentemente associado a características como exuberância, exotismo, festividade e sensualidade (Freyre, 1933). Estes estereótipos, propagados pelos meios de comunicação, artes e experiências turísticas, podem atuar de forma decisiva na formação da percepção da identidade brasileira, tanto interna quanto externamente. Tal percepção, por sua vez, pode resultar na redução da complexa e diversificada identidade brasileira a uma imagem estereotipada, negligenciando sua pluralidade.

Os mitos, conforme abordados por Eduardo Lourenço, são narrativas fundamentais que moldam as percepções coletivas e as representações simbólicas de uma nação. Essas narrativas mitológicas, profundamente enraizadas na psique coletiva, influenciam a maneira como uma comunidade interpreta seu passado, percebe seu presente e projeta seu futuro (Lourenço, 1988).

Para Lourenço, os mitos são mais do que meras histórias. Eles carregam consigo um conjunto de valores, ideologias, significados e símbolos que são cruciais para a identidade coletiva de uma nação. Em outras palavras, os mitos podem ser considerados como uma forma de "narrativa nacional", através da qual uma comunidade se compreende e se representa e se relaciona. (Lourenço, 1999). Nas palavras de Lourenço (2015):

"O mito da comunidade luso-brasileira"(1959) que para uma relação autêntica era necessário "desmitificar" a consciência portuguesa "intoxicada" por esse mito, cujo prolongamento, nas bases em que se encontrava causaria "grave dano para o verdadeiro, fecundo, desejável

e necessário diálogo com o Brasil" (Lourenço, *Do Brasil Fascínio e Miragem*. Pág. 15. 2015)

Conforme discutido O "mito da comunidade luso-brasileira" (Lourenço, 2015), é uma narrativa que tem como base a crença numa suposta unidade e continuidade cultural entre Portugal e Brasil. Essa narrativa é uma construção ideológica que geralmente apresentada sob o prisma da herança colonial e dos laços linguísticos. Esta ideia de uma comunidade luso-brasileira, no entanto, obscurece as diferenças e singularidades dos dois países, bem como as dinâmicas de poder e conflitos que marcaram e continuam a marcar suas relações.

Segundo Lourenço, a perpetuação desse mito pode causar "grave dano para o verdadeiro, fecundo, desejável e necessário diálogo com o Brasil". (Lourenço, 2015) Em outras palavras, a continuidade desse mito pode limitar a capacidade de estabelecer relações de reciprocidade e respeito mútuo, com base no reconhecimento de sua autonomia, singularidade e igualdade. Portanto, para Lourenço, é essencial desafiar e desconstruir esse mito, a fim de abrir espaço para um diálogo mais autêntico, equitativo e enriquecedor entre Portugal e Brasil.

Uma percepção estereotipada pode diminuir a riqueza cultural do Brasil e contribuir para uma visão superficial e estigmatizada da identidade brasileira. Adicionalmente, a construção de mitos e fantasias pode ocultar as desigualdades, assimetrias e conflitos sociais existentes na realidade brasileira. "Somos um povo novo, multiétnico" (Ribeiro,1995) reconhecendo as complexidades históricas, sociais, culturais e políticas que moldam a formação dessa identidade.

Darcy Ribeiro defende que a identidade brasileira foi fortemente influenciada por forças coloniais, particularmente europeias. No entanto, ele também enfatiza a importância da miscigenação e a diversidade cultural como elementos cruciais na formação do Brasil, argumentando que a identidade brasileira é complexa e única em função das várias influências étnicas e culturais que recebeu.

Nesse sentido, a análise de Eduardo Lourenço é fundamental, pois ele nos convida a questionar e desconstruir os estereótipos ,mitos e fantasias que influenciam as percepções e representações recíprocas entre Brasil e Portugal, contribuindo para a construção de identidades complexas e em constante negociação (Lourenço, 2001).

2.4.2. Análise das reflexões de Eduardo Lourenço sobre a identidade portuguesa

A obra "Labirinto da Saudade" de Eduardo Lourenço é uma importante contribuição para a compreensão da identidade portuguesa e sua relação com a saudade, um sentimento central na cultura e na história desse país.

A saudade é um sentimento profundamente enraizado na cultura portuguesa, uma nostalgia melancólica que reflete a perda, a distância e a melancolia diante do tempo que passou. Eduardo Lourenço explora a saudade como uma força motriz na construção da identidade portuguesa, analisando sua presença na literatura, na música, na arte e na mentalidade do povo português.

Ao longo da obra, Lourenço reflete sobre o paradoxo da saudade, que ao mesmo tempo revela a ligação emocional com o passado e o peso dessa ligação na dificuldade de lidar com o presente e o futuro. Ele examina a relação entre a saudade e a identidade portuguesa, questionando como esse sentimento influencia a forma como os portugueses se veem e se relacionam com o mundo.

Além disso, "Labirinto da Saudade" aborda a herança colonial de Portugal e seu impacto na construção da identidade nacional. Lourenço investiga como a saudade pode ser entendida como uma reação à perda e à ausência, relacionada tanto às memórias do império português quanto à sensação de deslocamento e desorientação resultante do fim desse império.

Outro ponto importante na formação da identidade portuguesa é a relação de Portugal com a Europa. Lourenço explora a tensão existente entre a busca por uma identidade portuguesa singular e a necessidade de se integrar a um projeto europeu mais amplo. Ele propõe que a identidade portuguesa é simultaneamente marcada por um desejo de individualidade e uma busca por pertencimento no contexto europeu (Lourenço, 1978). Sugere, que a identidade portuguesa é uma tapeçaria complexa de emoções, experiências e memórias, todas interligadas e influenciadas pela saudade.

O autor também examina a questão do futuro na identidade portuguesa e, argumenta que a identidade não é fixa, mas está sempre em processo de transformação. Portugal, como qualquer nação, precisa confrontar o desafio de equilibrar a preservação de sua identidade única com a necessidade de mudança e adaptação.

Uma última camada da identidade portuguesa, conforme descrita por Lourenço, é a ambiguidade e o paradoxo. A identidade portuguesa é marcada por contrastes, como a interação entre a saudade e o desejo de mudança, a memória do passado e o confronto com o futuro, a conexão com a Europa e a diferenciação dela. Esses paradoxos, segundo Lourenço, não são contradições a serem resolvidas, mas expressões da complexidade inerente à identidade portuguesa. Lourenço encoraja os leitores a reconhecer e explorar estas camadas em sua complexidade, a fim de entender melhor a identidade portuguesa em toda a sua riqueza e diversidade.

2.4.3. Pontos de convergência e divergência

A língua é um fator crucial na comunicação e no compartilhamento de experiências entre os povos brasileiro e português. É importante destacar a língua portuguesa como um elemento unificador e ao mesmo tempo divergente. Através da língua, ocorre uma troca constante de expressões culturais, literatura, música e outras manifestações artísticas, que contribuem para a construção de uma identidade lusófona compartilhada. Ele afirma: "Definir uma 'pátria, ou outrora um grupo humano, uma tribo, por uma língua significa visar o sinal por excelência da distinção que nos assinala como semelhante àqueles que falam a nossa língua e como outro para aqueles que a não compreendem" (Lourenço, *ver é ser visto* p. 187. 2021). Essa afirmação implica uma visão da língua como um indicador duplamente eficaz de identidade. Para Lourenço, ela é um dispositivo de inclusão e exclusão - une indivíduos que compartilham o mesmo idioma e simultaneamente separa aqueles que não o compreendem. Essa noção se torna particularmente pertinente ao examinar a conexão entre Brasil e Portugal, dois países ligados por um passado colonial comum e por uma língua compartilhada. No entanto, a relação linguística entre esses países não é isenta de complexidades. Embora a língua portuguesa seja um vínculo compartilhado, as variantes brasileira e europeia do português divergem em vários aspectos, refletindo diferentes evoluções culturais e históricas. Isso ressalta a visão de Lourenço sobre a língua como um marcador flexível de identidade, não um limite imutável.

O Brasil, a sua língua, são ainda a nossa pátria? Sim e não, na medida em que o "brasileiro" é esse magma sonoro, colorido e dançante, onde cada criança do Brasil encontra de imediato uma *pátria* e, porventura de uma maneira diversa

e evocada por Pessoa, a *única pátria* onde não se sente exilada. (Lourenço. Ver é ser visto. Pág. 193 2021)

A frase "O Brasil, a sua língua, são ainda a nossa pátria? Sim e não" sugere a ambiguidade da identidade brasileira do ponto de vista português, o que pode ser interpretado de várias formas. A ideia do "sim" pode se referir à história compartilhada e ao legado linguístico entre os dois países. O português é a língua oficial do Brasil, uma herança direta da colonização portuguesa, e isso cria uma conexão indelével entre as duas nações. Nesse sentido, o Brasil e sua língua podem ser vistos como uma extensão da "pátria" portuguesa.

Entretanto, a resposta "não" sugere a singularidade e a independência da identidade brasileira. O Brasil, com suas múltiplas influências culturais (africanas, indígenas, europeias e outras), formou sua própria identidade distinta, que é diferente da identidade portuguesa.

O termo "magma sonoro, colorido e dançante" pode ser uma alusão ao caráter vibrante, multicultural e dinâmico da cultura brasileira, manifestado, por exemplo, na música, na dança e nas artes visuais. A frase final sobre a criança brasileira que encontra uma pátria na qual não se sente exilada evoca a ideia de que, apesar de suas raízes históricas em Portugal, o Brasil desenvolveu uma identidade própria na qual seus cidadãos podem se sentir em casa.

Isso pode ser contrastado com a experiência de Fernando Pessoa, poeta português que frequentemente expressou sentimentos de deslocamento e exílio em sua poesia. No geral, esta citação ressalta a complexidade e a ambiguidade da identidade lusófona e das relações entre Portugal e Brasil, segundo a visão de Eduardo Lourenço.

A análise de Lourenço sugere que a língua é tanto um espaço de encontro quanto de diferença entre Brasil e Portugal. A língua portuguesa, embora unificadora em certo sentido, também evidencia a individualidade e distinção de cada nação, apontando para um "outro" culturalmente e historicamente específico. A concepção de Lourenço ressalta a importância de considerar a língua dentro de um contexto dinâmico e mutável. A língua, embora um "sinal por excelência da distinção", é apenas um de muitos fatores que contribuem para a identidade nacional, e a interação entre esses fatores pode produzir complexidades e nuances significativas, como exemplificado na relação luso-brasileira.

Além disso, a história colonial comum também é um ponto de convergência entre Brasil e Portugal. A colonização portuguesa deixou um legado marcante na cultura e nas tradições desses dois povos. O processo de miscigenação e assimilação cultural ocorrido no Brasil, por exemplo, resultou em uma identidade brasileira única, fortemente influenciada pela presença portuguesa. Elementos como a religião católica, a arquitetura colonial, a culinária e certos traços culturais são exemplos de heranças compartilhadas entre os dois povos.

No entanto, é igualmente importante ressaltar as divergências que existem entre brasileiros e portugueses. Essas diferenças podem ser atribuídas a fatores como o desenvolvimento histórico, as condições socioeconômicas e as particularidades culturais de cada país. Por exemplo, o Brasil, como uma nação continental com uma diversidade étnica e cultural significativa, apresenta uma identidade nacional mais complexa e multifacetada em comparação com Portugal, que é um país europeu de dimensões menores.

Outra divergência notável é a forma como cada sociedade lida com questões como a identidade nacional, a política e a cultura. O Brasil, com sua história de colonização, escravidão e imigração massiva, enfrenta desafios relacionados à superação de desigualdades sociais e econômicas. Por sua vez, Portugal, com sua história de império colonial e posterior declínio, lida com questões relacionadas à nostalgia, ao complexo de inferioridade e à busca por uma identidade que supere o passado. (Lourenço 2015).

Outro fator divergente diz respeito a temporalidade. Ele examina como a divergência temporal, em termos de diferentes contextos históricos e dinâmicas sociais, influenciou e moldou a relação entre esses dois países. No contexto lusófono, a relação temporal entre Brasil e Portugal é marcada por uma complexidade dinâmica. A divergência temporal é evidente na maneira como os dois países experimentaram e interpretaram diferentes eventos e períodos históricos. Por exemplo, enquanto Portugal viveu a era das grandes navegações e da expansão ultramarina no século XV, o Brasil, como colônia, teve uma experiência distinta desse mesmo período.

Lourenço argumenta que essas experiências históricas diferenciadas resultaram em duas visões de mundo distintas, influenciando profundamente as identidades nacionais, as memórias coletivas e as narrativas históricas de cada país (Lourenço, 1999). Assim, as

temporalidades divergentes entre Brasil e Portugal tornaram-se um fator crucial na formação de suas relações culturais, sociais e políticas.

“Se quisermos chegar ao fundo da questão diremos que a orientação, a intencionalidade da consciência brasileira e da portuguesa não só se não recobrem, como se dispõem em sentido oposto. *A consciência da sua história, a presença do passado constituem a referência basilar, a obsessão da consciência portuguesa.* Nela se misturam um pendor épico e elegíaco num grau absolutamente estranho ao brasileiro. Ao contrário, *à consciência do brasileiro é essencial o êxtase maravilhado do presente e o entusiasmo épico pelo futuro.* (Lourenço. Do Brasil Fascínio e Miragem. Pág. 81. 2015)

A divergência temporal é manifestada na maneira como cada país se relaciona com o seu passado colonial. Lourenço sugere que, enquanto Portugal pode ter uma tendência a olhar para o seu passado colonial com uma espécie de saudosismo, o Brasil, sendo uma ex-colônia, tem uma perspectiva mais crítica e reflexiva deste período (Lourenço, 2015).

Em Portugal, por exemplo, a Era dos Descobrimentos e a subsequente colonização de territórios ao redor do mundo, incluindo o Brasil, são elementos fundamentais na sua narrativa histórica e na construção da identidade nacional. Esse período é frequentemente associado a um passado glorioso e heroico, reforçando uma visão de Portugal como uma nação de navegadores corajosos e exploradores (Lourenço, 1999). Esta perspectiva contribui para uma memória coletiva que se orgulha do passado marítimo e colonial, a despeito dos múltiplos aspectos controversos dessas histórias.

Em contraste, o Brasil, como um país que foi colonizado, tem uma experiência e percepção histórica diferente. A memória coletiva brasileira é permeada por um forte reconhecimento das atrocidades do período colonial, como a escravização de populações africanas e a exploração de povos indígenas. A formação da identidade brasileira está entrelaçada com lutas por independência, emancipação e resistência contra o domínio colonial.

Estas experiências moldaram a narrativa histórica do Brasil e a sua visão de mundo, destacando o valor da diversidade, da multiculturalidade e do sincretismo. Estas distintas temporalidades, refletidas nas visões de mundo e nas identidades nacionais de Portugal e Brasil, tornaram-se um fator crucial na formação das suas relações “Eles nem sonham sequer

com o seu presente, mas já quase só com um futuro que nós não fazemos ideia. O diálogo entre essas duas realidades, tal como nós persistimos em imagina-lo é um diálogo de surdos. (Lourenço. Do Brasil Fascínio e Miragem. Pág. 75. 2015) As percepções divergentes, podem levar a tensões e mal-entendidos entre os dois países.

Porém apesar das divergências, é importante reconhecer que há sim um diálogo entre as identidades brasileira e portuguesa. A troca cultural, o intercâmbio acadêmico, as parcerias econômicas e os fluxos migratórios entre os dois países contribuem para a aproximação e a influência mútua. A presença de comunidades brasileiras em Portugal e de comunidades portuguesas no Brasil também desempenha um papel fundamental na construção de pontes entre as duas identidades.

2.4.4. Impacto das Representações Mútuas nas Identidades

A dinâmica das representações mútuas entre Brasil e Portugal configura-se como um elemento crucial na formulação das identidades individuais e coletivas de ambas as nações. Essas representações podem operar como uma lente através da qual os cidadãos de cada país compreendem a si mesmos e ao "outro", estabelecendo, assim, complexas interações identitárias.

Inicialmente, é essencial salientar como essas representações mútuas influenciam na constituição da identidade individual. Os estereótipos e as imagens propagados sobre cada país têm o potencial de serem internalizados pelos indivíduos, afetando a autopercepção e a relação com a própria cultura. Um brasileiro, por exemplo, pode se sentir compelido a se adequar ao estereótipo do "brasileiro alegre e descontraído", enquanto um português pode carregar o peso histórico do declínio do império português, enraizado na imagem de um complexo de inferioridade (Lourenço, 1999).

Em relação ao Brasil, Lourenço também discute o mito da "democracia racial", que retrata o Brasil como uma nação livre de preconceitos raciais devido à sua história de miscigenação. Este mito pode influenciar a identidade individual dos brasileiros, levando alguns a negar a existência de racismo no país, mesmo diante de evidências contrárias (Lourenço, 1999).

Em relação a Portugal, Lourenço explora o conceito de "saudade", uma palavra portuguesa sem tradução direta para outras línguas que expressa uma mistura de nostalgia, melancolia e

amor não correspondido. Este conceito pode influenciar profundamente a identidade individual dos portugueses, criando uma sensação de perda e desejo por um passado glorioso inatingível (Lourenço, 2015).

Outro exemplo é o estereótipo do "homem cordial", popularizado pelo sociólogo brasileiro Sérgio Buarque de Holanda, que caracteriza os brasileiros como sendo naturalmente amigáveis e hospitaleiros. Este estereótipo pode influenciar a maneira como os brasileiros se comportam em situações sociais, levando-os a valorizar a harmonia e evitar conflitos, mesmo à custa da assertividade pessoal. Chico Buarque, em suas composições, frequentemente explorou temas de resistência política e social, questionando o status quo. Na música "Apesar de Você" (1970), ele criticou a repressão e a censura durante o regime militar brasileiro, e ao mesmo tempo, sutilmente apontou a falta de resistência direta do "homem cordial" brasileiro. A letra da música inclui linhas como "Hoje você é quem manda / Falou, tá falado / Não tem discussão", que podem ser interpretadas como uma crítica à passividade do "homem cordial" frente à autoridade e opressão. Assim, Buarque usou sua música para desafiar a ideia do "homem cordial", sugerindo que essa cordialidade e passividade poderiam ser usadas para justificar a repressão e a falta de resistência política (Buarque, 1970).

No contexto português, o conceito de "lusotropicalismo" desenvolvido pelo sociólogo brasileiro Gilberto Freyre pode influenciar a forma como os portugueses veem a sua relação com suas ex-colônias, incluindo o Brasil. Freyre argumentou que os portugueses eram "naturalmente" adaptados aos trópicos e que tinham uma propensão para a miscigenação. Isso poderia levar os portugueses a se verem como um povo "especial" em comparação com outras potências coloniais europeias, influenciando a maneira como eles veem a si mesmos e a sua história colonial (Lourenço, 2015).

No âmbito coletivo, essas representações podem moldar as narrativas e identidades nacionais, influenciando como as comunidades brasileira e portuguesa se percebem enquanto grupos. A imagem do Brasil como um país tropical exuberante e de Portugal como um país marcado pela nostalgia e tradição pode ser decisiva na definição e percepção dessas nações no cenário global (Lourenço, 2000).

Tal perspectiva envolve a análise de como estas identidades são representadas em várias formas de expressão cultural, como literatura, cinema e música.

No contexto brasileiro, uma abordagem crítica às representações da identidade poderia envolver a exposição e a valorização das múltiplas facetas da cultura brasileira. Isto poderia incluir a consideração das distintas tradições culturais indígenas, africanas, europeias e de outros grupos imigrantes, bem como das variações regionais significativas presentes no território nacional.

Em relação a Portugal, uma abordagem semelhante permitiria explorar a diversidade regional e as diferenças socioculturais entre áreas urbanas e rurais, além de iluminar a influência das antigas colônias na constituição da cultura portuguesa contemporânea. Isso poderia se manifestar em várias formas de expressão cultural, desde a música, como o fado, até a culinária, marcada por pratos de influências diversas.

Além disso, a relação entre Brasil e Portugal tem o potencial de fomentar uma reconfiguração das identidades nacionais, “articulando um diálogo intercultural já despreocupado com os entraves do mito do luso-brasilianismo apontados em “Aquilino e Guimarães Rosa” (Lourenço pág.30 2015) A colaboração entre artistas brasileiros e portugueses, gerando obras que mesclam elementos culturais de ambos os países e promovem a compreensão mútua. Um exemplo ilustrativo é a canção "Tanto Mar", de Chico Buarque, que aborda a Revolução dos Cravos em Portugal e estabelece um diálogo entre as duas nações. Similarmente, artistas portugueses têm encontrado um público receptivo no Brasil, como é o caso do cantor António Variações e da escritora Dulce Maria Cardoso, contribuindo para a criação de um senso de identidade luso-brasileira que ultrapassa estereótipos redutores.

Eduardo Lourenço, ressalta a importância de um diálogo intercultural despido dos obstáculos oriundos do "mito do luso-brasilianismo". Este conceito, "luso-brasilianismo", pode ser entendido como a ideia de uma comunidade cultural e identitária compartilhada entre Portugal e Brasil, baseada em uma língua comum e em um suposto patrimônio histórico compartilhado. No entanto, Lourenço (2015) argumenta que este conceito pode ser um impedimento para uma compreensão genuína e enriquecedora da complexidade e diversidade das culturas brasileira e portuguesa. O "mito do luso-brasilianismo" pode levar à

simplificação e à homogeneização dessas culturas, obscurecendo suas diferenças, tensões e múltiplas vozes.

Ao sugerir um "diálogo intercultural já despreocupado com os entraves do mito do luso-brasilianismo", Lourenço parece estar defendendo um tipo de interação que reconheça e respeite as diferenças culturais, ao invés de tentar subsumi-las sob um único "mito". Isto é, um diálogo que valorize a diversidade e a multiplicidade de vozes e experiências dentro e entre as culturas brasileira e portuguesa.

A discussão encontra eco na obra do autor Guimarães Rosa, cujo trabalho propõem uma visão alternativa e enriquecedora da relação entre Portugal e Brasil. Por exemplo, o estilo inovador de Guimarães Rosa, que inclui o uso criativo da linguagem e a exploração de temas universais através de uma perspectiva brasileira específica, pode ser visto como um exemplo de como o "diálogo intercultural" proposto por Lourenço pode ser realizado:

“Assim, dos dois lados do Atlântico e no campo de uma mesma língua revisitada e reinventada por ele com luxuriante fulgor, Guimarães Rosa contribuiu para colocar os ponteiros da nossa ficção naquele espaço de sonho e mito que lhe é conatural” (Lourenço. *Do Brasil Fascínio e Miragem*. Pág.30/31. 2015)

Nesta passagem, Eduardo Lourenço está reconhecendo o papel fundamental de Guimarães Rosa na reinvenção da língua portuguesa e na formação de um espaço literário que transcende a divisão geográfica e cultural entre Brasil e Portugal. Ao descrever a língua como "revisitada e reinventada" por Guimarães Rosa "com luxuriante fulgor", Lourenço destaca a originalidade e o poder criativo do autor. Isto sugere que, para Lourenço, Guimarães Rosa representa uma ruptura com as convenções literárias tradicionais e uma abertura para novas formas de expressão e representação.

Além disso, a referência ao "espaço de sonho e mito" indica que, para Lourenço, a obra de Guimarães Rosa transcende a realidade empírica para acessar um nível mais profundo e simbólico de experiência e significado. Isto pode ser interpretado como uma extensão do "diálogo intercultural" proposto por Lourenço, em que a cultura e a identidade não são fixas ou estáticas, mas são constantemente recriadas e reinventadas através da imaginação e da criatividade.

Assim, esta citação sugere que Guimarães Rosa, com sua reinvenção da língua e sua criação de um "espaço de sonho e mito", é um exemplo do tipo de interação cultural que Lourenço defende: uma que reconhece e celebra a diversidade e a multiplicidade.

Portanto, a abordagem crítica e a promoção do diálogo intercultural são ferramentas valiosas na busca por uma compreensão mais aprofundada e matizada das identidades brasileira e portuguesa. Ao reconhecer e explorar a complexidade e a diversidade dessas identidades, é possível construir representações mais autênticas e inclusivas (Lourenço, 2015).

Ademais, o intercâmbio entre as identidades brasileira e portuguesa pode ser considerado um processo enriquecedor e desafiador. Nessa dinâmica, há uma oportunidade para questionar preconceitos e estereótipos, promovendo um entendimento mais profundo e valorização mútua. Esse diálogo tem potencial para reconstruir as identidades individuais e coletivas, acolhendo elementos das duas culturas e favorecendo a diversidade e o intercâmbio cultural (Lourenço, 2015).

2.5. Contextualização Contemporânea

A contextualização contemporânea das identidades brasileira e portuguesa reflete os desafios e as transformações que ocorrem na sociedade atual. Globalização, migração, avanços tecnológicos e intercâmbio cultural são alguns dos elementos que moldam a forma como essas identidades são vivenciadas e percebidas. Essas variáveis modelam significativamente como essas identidades são vivenciadas e percebidas (Bauman, 2001).

Em um contexto globalizado, as identidades nacionais estão em constante diálogo com influências externas. A facilidade de comunicação e o acesso à informação permitem uma maior exposição a diferentes culturas, o que pode resultar em uma maior fluidez e hibridização das identidades brasileira e portuguesa. Elementos culturais de outras partes do mundo são incorporados e reinterpretados, enriquecendo as manifestações artísticas, a culinária, a música e outros aspectos da vida cotidiana.

Durante as grandes navegações, Portugal estabeleceu contato com várias culturas ao redor do mundo, principalmente na África, na Ásia e na América. Este contato resultou em uma mistura cultural que se refletiu na identidade portuguesa. Por exemplo, a culinária portuguesa incorporou temperos e ingredientes do Oriente, enquanto o vocabulário português adquiriu

palavras de diversas línguas. Este foi um processo de hibridização cultural, semelhante ao que estamos vivenciando hoje em uma escala global e acelerada.

De forma análoga, a chegada dos portugueses ao Brasil iniciou um processo de interação e transformação cultural que moldou a identidade brasileira e também transformou o mundo que até então vivia encarcerado “esta Europa que depois de nós, ou conosco se perdeu no mundo”. (Lourenço. Pág.168. 2021) Isto pode ser visto como uma mudança de uma era de centralidade europeia para uma era de multiplicidade global, onde diferentes culturas e nações se tornam cada vez mais interconectadas e interdependentes, no sentido de se misturar ou se integrar com outras culturas e regiões do mundo. A mistura de culturas indígenas, europeias e africanas resultou em uma cultura única e diversa, refletida na língua, na religião, na música e na culinária brasileiras. Da mesma forma, a “modernidade líquida de Bauman (2001) aponta para uma intensificação e aceleração desse processo de hibridização cultural no contexto contemporâneo.

Além disso, a migração desempenha um papel fundamental na transformação das identidades contemporâneas. O movimento de pessoas entre Brasil e Portugal, seja por motivos de trabalho, estudo ou busca por melhores condições de vida, contribui para a diversificação e o intercâmbio cultural. Os fluxos migratórios trazem consigo novas perspectivas, experiências e identidades transnacionais, que influenciam tanto as comunidades de origem quanto as de destino. “A migração supõe que alguma coisa de melhor do que o que se deixa nos espera para nos dar a oportunidade de mudarmos de estado ou de funções” (Lourenço. Pág. 169. 2021)

Os avanços tecnológicos também têm um impacto significativo na construção das identidades contemporâneas. A internet e as redes sociais proporcionam uma ampla plataforma para a expressão e a conexão entre os indivíduos, permitindo a construção de identidades digitais e o compartilhamento de experiências em tempo real. Isso cria novas formas de interação e pertencimento, que podem transcender as fronteiras físicas e estabelecer laços entre brasileiros e portugueses em diferentes partes do mundo. A era digital e o avanço da tecnologia têm impactado significativamente a forma como as identidades são construídas e vivenciadas. Isso ampliou o alcance dessas identidades, permitindo uma maior visibilidade e influência no contexto global.

No entanto, apesar das transformações contemporâneas, é importante destacar a importância da preservação e valorização das raízes culturais e históricas, para compreender a visão da sociedade como um processo dinâmico e interativo de individualização e interação social, onde os indivíduos são vistos não apenas como produtos da sociedade, mas também como atores ativos em sua formação e transformação. Um processo contínuo e dinâmico de individualização e interconexão social. Isso se baseia em uma visão de sociedade que enfatiza a importância da agência individual e da interação social na formação e transformação contínua da estrutura social.

A individualização é uma característica fundamental desde a sociedade moderna, que tem como base o reconhecimento e a valorização dos indivíduos como atores autônomos e distintos. Essa perspectiva contrasta com abordagens mais tradicionais da sociedade, que podem enfatizar a conformidade com normas coletivas ou o papel dos indivíduos como membros de grupos específicos (por exemplo, classes sociais, comunidades étnicas, etc.). No entanto, a individualização não significa isolamento ou separação. Os indivíduos estão constantemente interagindo uns com os outros e com a estrutura social em geral, em um processo de "reformulação e renegociação diárias" (Bauman 2001). Isso sugere que a sociedade não é algo fixo ou imutável, mas sim algo que está sempre em movimento, sendo moldado e transformado pela atividade dos indivíduos. Este processo de reformulação e renegociação pode envolver uma série de atividades, tais como a negociação de papéis sociais, a formação e transformação de relações sociais, a participação em práticas culturais e políticas, e assim por diante. Através dessas atividades, os indivíduos estão constantemente "tecelando" (Bauman 2001) a rede de conexões que compõem a sociedade.

A individualização e a formação da identidade são processos paralelos e interdependentes que ocorrem dentro do contexto social. Ambos são fundamentais para entender como as sociedades, como as do Brasil e Portugal, se desenvolvem e se transformam ao longo do tempo. A identidade brasileira e portuguesa são construídas a partir de um rico legado histórico, tradições ancestrais e elementos identitários únicos. Essa valorização do patrimônio cultural contribui para a construção de uma identidade sólida e autêntica, que dialoga com o presente sem perder suas raízes.

Nesse contexto contemporâneo, as identidades brasileira e portuguesa estão em constante evolução, em um processo dinâmico. A diversidade cultural, a interação global, a migração e as tecnologias de comunicação desafiam as noções tradicionais de identidade nacional, abrindo espaço para a construção de identidades mais fluidas, interconectadas e transculturais.

As recentes dinâmicas migratórias desempenham um papel significativo na formação e transformação das identidades brasileira e portuguesa, reflexo da "modernidade líquida" descrita por Bauman (2001), na qual as fronteiras e identidades estão em constante movimento e reformulação.

No contexto brasileiro, tem-se observado um crescente fluxo migratório para Portugal nas últimas décadas, uma busca por melhores oportunidades econômicas, acadêmicas e uma qualidade de vida mais elevada. Este movimento tem repercutido de forma significativa na concepção da identidade brasileira. Os brasileiros em Portugal experienciam uma nova cultura, adaptam-se a diferentes dinâmicas sociais e vivenciam um contexto distinto de sua terra natal. Conforme descrito por Lourenço (1999), esse contato e a interação com a cultura portuguesa podem provocar uma reelaboração da identidade brasileira, engendrando um processo de hibridização cultural.

Reciprocamente, a presença brasileira em Portugal também tem contribuído para a transformação da identidade portuguesa. A imersão de elementos da cultura brasileira em território português tem favorecido um ambiente de diversidade cultural e social, influenciando as expressões culturais, como a música, a gastronomia e as artes, bem como as relações sociais, cotidianidade e a forma como os portugueses percebem a própria identidade (Lourenço, 2004).

Vale ressaltar que a migração não se limita apenas aos brasileiros em Portugal. Inclui-se também os portugueses que emigraram para o Brasil e posteriormente retornaram a Portugal, trazendo consigo experiências e vivências que alteram a dinâmica identitária nos dois lados do Atlântico (Peixoto, 2000). E como afirma Eça de Queiroz “não é o espírito de atividade e de expansão que leva para longe os nossos colonos, como leva os ingleses à Austrália e à Índia; mas a miséria que instiga a procurar em outras terras o pão que falta na nossa” (Queiroz,

1987b, p. 27). Para o autor, enquanto nações como a Inglaterra eram motivadas por aspirações de expansão, os portugueses eram compelidos pela necessidade e escassez.

2.5.1. Literatura e Cultura

A literatura e a cultura desempenham um papel significativo na formação e na expressão das identidades brasileira e portuguesa. O estudo das obras literárias e culturais de ambos os países oferece *insights* valiosos sobre os diálogos interculturais, as influências mútuas e as dinâmicas identitárias que permeiam as sociedades.

Através da literatura, os escritores exploram questões relacionadas à identidade, representação e pertencimento. Suas obras são reflexos das experiências individuais e coletivas, trazendo à tona as simbologias, tensões e complexidades das identidades brasileira e portuguesa. No contexto dos diálogos interculturais, a literatura revela as trocas culturais entre Brasil e Portugal ao longo da história.

Autores de ambos os países foram influenciados e influenciaram uns aos outros, compartilhando narrativas, temas e estilos literários. Essas interações contribuíram para a construção de uma identidade cultural híbrida e plural, na qual elementos das duas culturas se entrelaçam.

Fernando Pessoa, um dos maiores poetas da língua portuguesa, utiliza sua obra para explorar a multiplicidade da identidade. Pessoa criou diversos heterônimos, cada um com uma personalidade e estilo literário próprios, refletindo sua concepção de identidade como um fenômeno fragmentado e dinâmico (Pessoa, 1934). Esta abordagem é fundamental para compreender a complexidade inerente à identidade portuguesa, que, segundo Pessoa, é caracterizada pela diversidade e pela mudança contínua.

Pessoa utilizou os heterônimos de Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos para explorar a multiplicidade da identidade humana, sugerindo que a identidade não é uma entidade estática e unitária, mas um fenômeno complexo e dinâmico, sujeito a constantes mudanças e transformações. Esta abordagem tem implicações profundas para a compreensão da identidade portuguesa, pois sugere que a identidade nacional, assim como a identidade individual, é caracterizada pela diversidade, pelo dinamismo e pela multiplicidade (Pessoa 1933).

No contexto brasileiro, Guimarães Rosa, em sua obra "Grande Sertão: Veredas" (1956), oferece uma visão singular da identidade brasileira. Rosa retrata o sertão como um espaço de resistência e transformação, que desafia as categorias estabelecidas e propõe uma redefinição do que significa ser brasileiro. Através da linguagem inovadora e das complexas narrativas de seus personagens, Rosa apresenta uma identidade brasileira que é marcada pela heterogeneidade, pela ambiguidade e pela constante negociação entre o local e o global.

Estes e outros autores, embora provenham de contextos diferentes, convergem em suas percepções sobre a fluidez e a complexidade das identidades brasileira e portuguesa. Eles nos convidam a questionar visões simplistas e homogeneizantes, reconhecendo a multiplicidade de experiências e perspectivas que compõem essas identidades. A partir de suas obras, é possível perceber a identidade como um processo em constante transformação, influenciado por fatores históricos, culturais e individuais. A literatura, neste sentido, serve como um meio privilegiado para a exploração e expressão dessas complexidades identitárias, fornecendo uma visão mais rica e profunda das identidades brasileira e portuguesa

A literatura também desempenha um papel crítico na desconstrução de imagens e discursos identitários estereotipados. Por meio da escrita, os autores desafiam e subvertem representações simplistas e preconceituosas, abrindo espaço para uma compreensão mais complexa e diversificada da identidade. Ao explorar as nuances e as contradições das experiências individuais e coletivas, a literatura contribui para a ampliação dos horizontes e para a superação de visões unilaterais e estereotipadas. Além da literatura, outras manifestações culturais, como a música, o cinema, a arte e a dança, também desempenham um papel fundamental na construção das identidades. Essas formas de expressão cultural trazem consigo narrativas e símbolos que refletem as vivências e os valores das sociedades brasileira e portuguesa.

Ao explorar essas manifestações, é possível desvendar as camadas de significado e as relações complexas entre identidade, cultura e sociedade. Ao estudar a literatura e a cultura de Brasil e Portugal, é essencial adotar uma abordagem interdisciplinar, que integre a análise literária, os estudos culturais, a história e outras disciplinas relevantes. Essa abordagem ampla permite uma compreensão mais abrangente das dinâmicas identitárias, levando em consideração

fatores históricos, sociais, políticos e culturais que moldaram as identidades brasileira e portuguesa ao longo do tempo.

Em suma, o estudo das obras literárias e culturais de Brasil e Portugal desempenha um papel fundamental na análise das identidades. A literatura e a cultura oferecem um terreno fértil para explorar os diálogos interculturais, as influências mútuas e as representações complexas das identidades. Ao examinar essas manifestações culturais, podemos desconstruir estereótipos, compreender as tensões e as simbologias presentes nas identidades brasileira e portuguesa, e promover uma apreciação mais ampla e enriquecedora das ricas e diversas experiências desses dois povos.

2.6. Considerações Finais

No presente capítulo, exploramos o tema da identidade brasileira e portuguesa a partir das obras de Zygmunt Bauman e Eduardo Lourenço, ressaltando a importância de compreender as histórias, tradições e valores que moldaram essas identidades.

Em seguida, adentramos na fundamentação teórica, onde explanamos os conceitos-chave de identidade segundo Zygmunt Bauman em sua obra "Identidade". Discutimos a relação entre identidade individual e coletiva, destacando como a identidade é construída e negociada no contexto social.

Posteriormente, realizamos uma contextualização da teoria de Bauman no âmbito da identidade brasileira e portuguesa, analisando como os elementos históricos, sociais e culturais influenciam a construção das identidades nesses dois países. A partir das obras de Eduardo Lourenço, exploramos a visão do autor sobre a relação entre Brasil e Portugal. Em "Do Brasil Fascínio e Miragem", examinamos as reflexões de Lourenço sobre a influência mútua, os estereótipos e as representações envolvendo esses dois povos. Já em "Labirinto da Saudade", adentramos nas reflexões do autor sobre a identidade portuguesa, incluindo os complexos de inferioridade, nostalgia e busca pela identidade presentes em sua obra.

Ao abordar os estereótipos, mitos e fantasias que permeiam essa relação, refletimos sobre como esses elementos influenciam a percepção da identidade brasileira, destacando as nuances e os desafios em construir uma identidade autêntica e livre dessas representações limitantes.

Além disso, consideramos as influências coloniais e históricas na formação da identidade portuguesa, compreendendo como a memória coletiva e os eventos passados moldaram as representações e as dinâmicas identitárias desse povo. Reconhecemos que as dinâmicas migratórias recentes também desempenham um papel importante na construção e transformação das identidades desses grupos.

Ao problematizar as representações eurocêntricas e os mecanismos de alteridade presentes nas obras de Lourenço, destacamos a importância de uma abordagem crítica e reflexiva que evite visões simplistas e hierárquicas. Reconhecemos a literatura e a cultura como elementos-chave na construção e desconstrução de imagens e discursos identitários, promovendo diálogos interculturais e influências mútuas.

Cada indivíduo carrega consigo uma multiplicidade de identidades que se entrelaçam e se influenciam mutuamente, refletindo a complexidade das sociedades contemporâneas.

Além disso, a compreensão das identidades em constante transformação nos permite acompanhar e responder às mudanças sociais, políticas e culturais que ocorrem ao nosso redor. Os movimentos migratórios, as novas formas de comunicação, as interações globais e as lutas por direitos e reconhecimento são elementos que moldam e reconfiguram as identidades individuais e coletivas. Ao considerar a importância de compreender e valorizar as identidades múltiplas, ampliamos nosso horizonte de conhecimento e fortalecemos os laços entre os povos. Reconhecemos a riqueza das trocas culturais, das influências mútuas e das narrativas compartilhadas que enriquecem nossas sociedades.

Por fim, a valorização das identidades múltiplas e em constante transformação contribui para a construção de uma sociedade mais inclusiva, justa e solidária. Ao abraçarmos a diversidade e respeitarmos as diferenças, construímos pontes entre os povos, superando barreiras e promovendo um mundo mais harmonioso e igualitário. Portanto, é essencial continuarmos a explorar e a compreender as identidades brasileira e portuguesa, assim como as identidades de outros grupos e comunidades, a fim de promover a tolerância, a empatia e o respeito mútuo. Somente assim poderemos construir um futuro no qual todas as identidades sejam valorizadas e reconhecidas em sua plenitude.

3. História e Historicismo

3.1. Conceito de Historicismo e a perspectiva de Eduardo Lourenço

O historicismo, como uma abordagem metodológica dentro dos estudos históricos, sustenta que a compreensão dos eventos históricos, das ideias e das instituições só pode ser alcançada ao analisá-las em seu contexto temporal, cultural e social específico (Dilthey, 2010).

Essa metodologia, , rejeita a ideia de que os eventos históricos podem ser entendidos em termos de leis universais ou princípios (Dilthey, 2010). Em vez disso, sugere que cada período histórico tem sua própria singularidade, que só pode ser capturada levando em conta as complexidades culturais, sociais e econômicas do tempo.

Assim, os conceitos, as instituições e os fenômenos históricos são vistos como produtos de um determinado tempo e lugar, e não podem ser compreendidos corretamente se forem removidos de seu contexto original (Dilthey, 2010). De acordo com essa perspectiva, a interpretação de eventos históricos exige uma análise detalhada e cuidadosa de seu contexto histórico, uma tarefa que é vista como central para a disciplina histórica.

Ao aplicar esses princípios ao estudo das relações entre o Brasil e Portugal, o historicismo nos exige que consideremos as particularidades de cada período, as diferenças culturais, sociais e políticas, bem como as circunstâncias econômicas de cada país para entender completamente a natureza e o desenvolvimento de suas interações.

A Relação histórica entre Brasil e Portugal já dura mais de cinco séculos, é de grande relevância e complexidade. Ao longo dos séculos, esses dois países se influenciaram mutuamente em diversos aspectos, como, cultura, economia, política e sociedade. É indiscutível a importância dessa relação para os dois povos envolvidos.

Eduardo Lourenço, contribuiu enormemente para a compreensão das relações complexas entre Portugal e Brasil, ao analisar o entrelaçamento entre as duas nações sob a luz do historicismo. Em suas obras, ele enfatiza a necessidade de entender o fenômeno da lusofonia e a relação entre Brasil e Portugal em seu devido contexto histórico e cultural (Lourenço, 1999).

Lourenço rejeitou qualquer tipo de reducionismo, insistindo que a relação entre as duas nações deve ser vista como um processo dialético que muda ao longo do tempo, de acordo com a sua situação política, cultural e social única. Seguindo os princípios do historicismo, Lourenço reconhece a influência dos fatores culturais, sociais e políticos na formação da identidade lusófona e na maneira como as relações entre Brasil e Portugal se desenvolveram. Ele insiste que a lusofonia não é um conceito estático, mas um fenômeno em constante evolução, moldado por sua história complexa e multifacetada (Lourenço, 2004).

Reinventar os elos luso-brasileiros é uma tarefa difícil dada a abundância de estereótipos e sofismas que em ambas as margens do Atlântico têm se debruçado sobre o tema. A história deixou lacunas e desafios que precisam ser superados para que as relações entre esses dois povos sejam mais estreitas e harmoniosas.

3.1.1. A Dualidade da Verdade: Uma Análise da Perspectiva Luso-brasileira

É essencial compreender a perspectiva de cada um sobre a história e aos laços luso-brasileiros, para discorrer sobre os nossos dias e sobre esta relação, apesar de muito concatenados por laços históricos e culturais, Brasil e Portugal encontram lapsos que acabam por afastar essas relações, são “dois povos que já foram, por alguns anos, uma só pátria e que legítimos motivos separaram politicamente, um do outro” (Lourenço, pag. 33) foram muitas as tentativas de encontros, desde uma lusofonia que mais funciona na teoria do que na prática a abertura de fronteiras, porém conforme sugere Lourenço, é urgente e necessário “um autêntico dialogo, da reversibilidade do afastamento cultural, de desatar nós e refazer laços...” (Lourenço, pag. 34)

Isso requer um verdadeiro diálogo entre as culturas, com abertura para ouvir e aprender uns com os outros, bem como a disposição para refazer estes laços e superar os nós que ainda existem, pois cada um, no seu mundo, tem seus motivos para argumentar ao seu modo.

Além disso, é necessário destacar que, embora Brasil e Portugal tenham uma história compartilhada, também têm suas próprias identidades e realidades políticas, sociais e culturais distintas. Portanto, qualquer esforço para reinventar os vínculos luso-brasileiros devem levar em conta essas diferenças e respeitar as particularidades de cada um conforme ilustra o poema de Fernando Pessoa abaixo:

Encontrei hoje em ruas, separadamente, dois amigos meus que haviam se zangado. Cada um me disse a verdade. Cada um me contou as suas razões. Ambos tinham razão...Cada uma via as coisas exatamente como se haviam passado. Mas cada uma via uma coisa diferente, e cada um portanto tinha razão. Fiquei confuso dessa dupla verdade, porque significava que a verdade porque isso significava que a verdade por si só não era suficiente. A verdade era apenas uma perspectiva da realidade e cada um tinha a sua própria. Eu me perguntei se seria possível algum dia chegar a uma verdade compartilhada, ou se isso era apenas um ideal inatingível (Fernando Pessoa, 2014, p 232).

É possível essa dupla verdade? Seria essa dupla verdade a responsável por colocar Brasil e Portugal em posições distintas ao olharem para a mesma história? Quais aspectos produzem esse duplo olhar? Essa citação de Fernando Pessoa destaca a ideia de que a verdade pode ser vista de diferentes perspectivas. Isso significa que a verdade não é algo absoluto e objetivo, mas sim depende das experiências, percepções e perspectivas de cada indivíduo. Essa multiplicidade de verdades pode gerar confusão e dificuldade em chegar a uma conclusão objetiva. Nesse sentido é importante considerar a subjetividade do ponto de vista de cada um ao avaliar situações e fatos históricos, para que se possa compreender diferentes versões da história e a complexidade dos eventos que se desenrolaram.

O conceito de "dupla verdade", como explorado por Fernando Pessoa em sua poesia, ressalta a noção de que a realidade e a verdade são frequentemente subjetivas e variam com base nas percepções individuais e coletivas. De fato, essa concepção ressalta as nuances dos fenômenos sociais, culturais e históricos, particularmente em relação ao entendimento das relações luso-brasileiras (Pessoa, 2014).

Analisar o vínculo entre Brasil e Portugal sob a lente dessa "dupla verdade" implica considerar a complexidade da dinâmica entre esses dois países. A história partilhada entre Brasil e Portugal, marcada por colonização, independência e transformações subsequentes, se desenvolveu sob diferentes perspectivas, como afirmado por Lourenço. Cada nação, ao longo de sua trajetória, formou uma interpretação distinta desses eventos históricos, fundamentada em suas experiências singulares e contextos sociais, políticos e culturais únicos.

Consequentemente, os esforços para reimaginar os laços entre Brasil e Portugal precisam levar em conta essa multiplicidade de "verdades". É crucial respeitar as identidades distintas que emergiram desses contextos históricos e contemporâneos divergentes. Como Pessoa

sugere, não é uma questão de estabelecer uma "verdade" única e compartilhada, mas de compreender e respeitar essas diversas perspectivas.

Entretanto, essa "dupla verdade" também apresenta desafios, pois pode levar a diferenças de interpretação e compreensão, complicando a formação de uma narrativa comum. Assim, o exercício do historicismo, conforme defendido por Lourenço e Dilthey, se torna ainda mais importante. Ele nos permite abordar a complexidade dessas relações, reconhecer o impacto dos fatores históricos e apreciar as dinâmicas em constante mudança entre Brasil e Portugal.

A reflexão sobre a "dupla verdade" propõe uma abordagem que considera a subjetividade inerente ao processo de interpretação dos fatos históricos. A valorização dessa subjetividade permite o entendimento da multiplicidade das versões históricas e a complexidade dos eventos transcorridos, potencializando o reconhecimento e a valorização das singularidades de cada nação.

Nesse sentido é importante considerar a subjetividade do ponto de vista de cada país ao avaliar situações e fatos históricos, para que se possa compreender diferentes versões da história e a complexidade dos eventos que se desenrolaram.

3.1.2. A Arte da Interpretação e a Significação em História: Um Olhar Historicista

Desde os tempos da Grécia Antiga, com Homero e Tucídides, a sistematização da narrativa histórica tem sido uma área de pesquisa contínua, evoluindo ao longo do tempo para adaptar-se a variadas metodologias e perspectivas (Bloch, 2002). Esta seção explora a importância da interpretação e significação na historiografia, enfatizando a abordagem historicista.

Historicamente, a disciplina histórica tem se voltado para a exploração objetiva de eventos passados, procurando compor narrativas baseadas em evidências que retratam esses eventos da maneira mais imparcial e factual possível. No entanto, como Marc Bloch (2002) destaca, até os documentos mais claros e diretos não "falam" sem a devida interrogação. As perguntas que os pesquisadores fazem são, portanto, fundamentais para desvendar as informações contidas nos documentos e objetos históricos.

Isso sugere que a interpretação e significação são elementos críticos na análise da história. Não é a existência do objeto em si que é fundamental, mas sim o significado que lhe

atribuímos, que é derivado de nossas perspectivas individuais e coletivas (Bloch, 2002). Portanto, a história não é uma série de eventos estáticos, mas um processo dinâmico de interpretação e significação. A aplicação desta visão ao estudo das relações luso-brasileiras requer a mesma abordagem inquisitiva e interpretativa. Cada objeto, documento ou evento histórico não deve ser visto como uma entidade isolada, mas deve ser interrogado e interpretado dentro de seu contexto.

Assim como Pessoa explorou a ideia de "dupla verdade", os historiadores devem considerar a multiplicidade de perspectivas ao interpretar a história compartilhada de Brasil e Portugal. Este ponto de vista coincide com o pensamento de Eduardo Lourenço, que considera a história como um processo de negociação e interpretação constante. O historicismo, portanto, vai além do mero relato factual de eventos; envolve o entendimento dos eventos e circunstâncias à luz de suas perspectivas históricas, culturais e sociais únicas.

Assim, a compreensão da história das relações luso-brasileiras não se baseia em uma "verdade" única, mas em várias "verdades", todas válidas e importantes para uma compreensão completa e abrangente. Tanto a pergunta quanto a significação são feitas por pessoas, e estas pessoas carregam em si a própria singularidade. Por mais imparcial, científico ou metodológico que possa ser, ainda assim as características referentes a singularidade do pesquisador não são alienáveis no momento da leitura dos documentos, evidências ou fatos históricos.

A significação pode vir atrelada por uma série de atributos anteriores, cada pesquisador inserido em uma cultura, com seu modo de ser no mundo, por mais imparcial e objetivo que tenha a intenção de ser, acaba por fazer uma edição dos fatos em pesquisa e, portanto, um historicismo.

O historicismo é uma abordagem filosófica que afirma que o conhecimento histórico é relativo ao contexto social, cultural e político em que foi produzido. Isso quer dizer que a interpretação do passado é influenciada pelas crenças, valores e perspectivas dos historiadores e da sociedade em que eles vivem. O historicismo acredita que não há uma verdade absoluta sobre o passado, mas sim múltiplas interpretações que refletem diferentes pontos de vista. Assim, enquanto a história busca apresentar fatos objetivos sobre o passado, o historicismo destaca

a importância da interpretação e do contexto na compreensão dos eventos históricos. Quem defende a teoria do historicismo é Wilhem Dilthey, filósofo alemão do século XIX que afirma, “A história é a apresentação adequada dos indivíduos em suas relações recíprocas, na medida em que suas vidas se desdobram no tempo” (Dilthey, 2015, p. 110).

Para o autor a diferença entre história e historicismo é que a história se concentra na descrição dos fatos do passado, enquanto o historicismo busca compreender a natureza da vida humana através do estudo da história. Em outras palavras, a história se preocupa em apresentar os eventos e fatos de forma objetiva, enquanto o historicismo tenta entender como esses eventos e fatos foram percebidos e vividos pelos seres humanos (Dilthey, 2015). Dilthey também defende que a vida humana tem uma dimensão subjetiva que não pode ser compreendida apenas pelos métodos científicos objetivos. Segundo ele, o historicismo permite que os historiadores reconheçam e reflitam sobre a natureza subjetiva da vida humana, levando em conta as experiências, crenças e emoções dos indivíduos que vivenciaram os eventos históricos. Assim, enquanto a história busca relatar os fatos de forma objetiva, o historicismo busca entender a significação subjetiva desses fatos para os seres humanos que os vivenciaram: “A história deve levar em conta o fato de que o objeto do conhecimento histórico é a vida e a experiência dos seres humanos, e que essa vida e experiência tem uma dimensão subjetiva que não pode ser reduzida a leis objetivas ou a um mero conjunto de fatos” (Dilthey, 2010, p. 72).

Esta compreensão é alcançada ao considerar como os eventos e fatos foram percebidos, interpretados e vividos pelos seres humanos que os experimentaram. Dilthey (2015) vai além ao argumentar que a vida humana tem uma dimensão subjetiva que não pode ser capturada unicamente através de métodos científicos objetivos. Ele ressalta que o historicismo possibilita aos historiadores uma abordagem mais profunda e reflexiva para a compreensão da natureza subjetiva da vida humana. Isto é feito considerando a multiplicidade de experiências humanas - suas crenças, emoções, e percepções - ao analisar os eventos históricos.

Neste contexto, a descoberta do Brasil pelos portugueses, um marco significativo nas Grandes Navegações, torna-se exemplar para aplicar a abordagem historicista de Dilthey. A experiência dos portugueses, nesse momento crucial da história, foi muito mais do que um evento

objetivo; foi uma vivência profundamente existencial que transformou seu senso de identidade e realidade. Assim, enquanto a história objetiva poderia simplesmente relatar a descoberta do Brasil como um fato, a abordagem historicista busca entender as experiências subjetivas dos portugueses, sua percepção do mundo recém-descoberto e as transformações internas que essa experiência provocou.

Para uma compreensão holística das relações históricas entre Brasil e Portugal, é importante incorporar a perspectiva do historicismo, que reconhece e valoriza a dimensão subjetiva da experiência humana.

Segundo essa abordagem, os historiadores são influenciados pela sua própria cultura, experiências pessoais e formação acadêmica, o que afeta a maneira como eles interpretam e entendem os fatos históricos. Por exemplo, a cultura de um historiador pode afetar suas escolhas de fontes, metodologia e temas de pesquisa. Além disso, a formação acadêmica e as teorias que um historiador aprende também podem moldar suas perspectivas e interpretações históricas.

Assim, o historicismo reconhece que a compreensão da história é sempre subjetiva e influenciada por fatores culturais, sociais e políticos. Isso não significa que a história não possa ser objetiva ou baseada em factos, mas sim que a interpretação desses factos é influenciada pelas perspectivas e experiências do historiador. Por isso é sempre importante que os historiadores estejam cientes de suas próprias influências culturais e pessoais e que busquem minimizar esses efeitos ao interpretarem fatos históricos.

Eduardo Lourenço, oferece uma importante contribuição para essa discussão. Ele analisa a complexa relação entre Brasil e Portugal através de uma lente que entrelaça história, cultura e identidade. Lourenço enfatiza que, embora a história compartilhada entre Brasil e Portugal seja um fato inegável, cada nação desenvolveu sua própria identidade cultural, social e política ao longo dos séculos (Lourenço, 1999).

Por mais que acontecimentos e eventos históricos não sejam passíveis de ser contestados como factos, a bagagem trazida pelo historiador torna-se a lente pela qual ele observará aquele acontecimento ou evento histórico. Quando falamos em historicismo, não nos referimos somente aos dados factuais, ao que realmente aconteceu, mas também nos

referimos ao modo como os observadores, os pesquisadores, os historiadores ou mesmo um povo, guardou, registrou e repassou tais fatos.

3.2. Registro Histórico

Na sociedade ocidental moderna, existe uma tendência predominante de reconhecer principalmente a história que é registrada por escrito. No entanto, isso é um produto das tradições europeias que valorizam a escrita como principal meio de registrar e transmitir conhecimento. No entanto, a história é transmitida e registrada de várias maneiras, todas elas consideradas legítimas dentro do escopo do historicismo. Os registros históricos produzidos pelas culturas indígenas, por exemplo, não se limitam apenas à escrita, mas também incluem tradições orais, arte e dança. As histórias transmitidas oralmente são tão importantes quanto a escrita e formam a base da cultura indígena.

Os seres humanos sempre fizeram registros históricos de diversas maneiras. Os índios brasileiros por exemplo, já registravam o cotidiano por meio da confecção de utensílios, como artefatos de pedras, enfeites de penas de pássaros, objetos de cerâmica, ou pinturas em cavernas. Segundo o historiador brasileiro, Darcy Ribeiro (1997, p. 98) “O mundo é visto pelos índios como um imenso livro em que todas as coisas falam, em que tudo tem um significado que é preciso descobrir. Eles não escrevem, mas suas histórias são guardadas na memória, no canto, na dança, no mito, na tradição oral [...] São essas histórias que constituem o substrato da sua cultura, o pilar sobre o qual repousam as suas crenças, seus valores, os seus ritos”. Ribeiro (1997) destaca que os povos indígenas não utilizam a escrita para registrar sua história, mas sim a tradição oral, a música e dança e o mito. Segundo ele as histórias traduzidas oralmente são tão importantes quanto a escrita e formam a base da cultura indígena, permitindo a transmissão de conhecimentos e valores de geração em geração.

A interpretação desses eventos históricos e o reconhecimento das consequências desse contato se tornam elementos fundamentais para entender a complexa teia de identidades que constituem o Brasil contemporâneo.

De acordo com Eduardo Lourenço (1999), essa relação entre Brasil e Portugal é uma teia de laços culturais, históricos e afetivos, cuja complexidade se expressa na multiplicidade de identidades e na diversidade cultural do Brasil. O pensador português aponta que, embora

Brasil e Portugal compartilhem uma história comum e uma língua, cada um se desenvolveu à sua maneira, moldado por suas respectivas experiências e contextos.

Assim, sob a perspectiva do historicismo, a história compartilhada entre Brasil e Portugal é vista não apenas como uma sequência de eventos, mas também como uma experiência existencial que influenciou e continua a influenciar a formação da identidade de ambos. O respeito pelas diferenças, bem como o entendimento da profundidade de sua conexão histórica, é crucial para uma interpretação holística dessa relação. Por fim, é importante lembrar que, apesar da forte influência europeia, o Brasil também foi moldado pelas culturas indígenas e africanas. O entendimento da pluralidade de vozes e experiências que compõem a história brasileira é uma etapa fundamental na compreensão da identidade nacional.

A história vai muito além do historicismo, ou seja, teve início antes de conhecermos e vai além daquilo que compreendemos, registramos ensinamos ou guardamos. Como o observador vem a conhecer o que aconteceu, podem ser muitos os fatores que interferem neste olhar, desde a metodologia utilizada, até a singularidade do pesquisador. A história é um campo complexo e multifacetado, e muitos fatores podem afetar a forma como ela é estudada e interpretada. A teoria historicista de Dilthey enfatiza a importância da subjetividade e das experiências pessoais na compreensão da história. Em resumo, a história é uma parte fundamental da vida humana e é transmitida de muitas maneiras diferentes. É importante reconhecer e valorizar a diversidade de formas pelas quais ela é registrada e interpretada, e estar ciente dos fatores que podem afetar a forma como a história é compreendida.

3.2.1. Objetividade versus Subjetividade na História

A discussão em torno da objetividade versus subjetividade transcende as fronteiras disciplinares e permeia diversas esferas da produção de conhecimento. O questionamento da possibilidade de uma perspectiva verdadeiramente objetiva é um tema premente na filosofia e nas ciências sociais.

O filósofo Thomas Nagel (1974) argumenta que até mesmo informações aparentemente objetivas - tais como dados quantitativos e métricas - são filtradas e interpretadas através das lentes de nossa subjetividade. Nesta concepção, uma medição precisa da temperatura ambiente ou a estimativa de uma distância específica, por exemplo, parecem oferecer um

vislumbre objetivo da realidade. No entanto, a percepção desses dados varia significativamente entre indivíduos com experiências, sensibilidades e referenciais culturais diferentes. Assim, o que se convencionou categorizar como objetivo, pode conter elementos intrinsecamente subjetivos.

No campo da historiografia, essa tensão entre objetividade e subjetividade assume um papel crucial. A prática historiográfica, que busca interpretar e compreender o passado, está inevitavelmente sujeita a nuances subjetivas. Mesmo diante de evidências factuais ou documentais aparentemente incontestáveis, a leitura e o sentido atribuído a estes podem ser moldados pelas experiências pessoais, pela formação acadêmica e pelo contexto cultural do historiador.

Nagel (1974) sugere que essa intrincada relação entre objetividade e subjetividade deve ser reconhecida e problematizada, ao invés de simplistamente dividida. A busca pela objetividade absoluta pode se tornar uma quimera, já que grande parte do que se considera objetivo acaba sendo, em última análise, uma extensão da subjetividade.

A interface entre a objetividade científica - construída em torno de métodos racionais, medições e dados - e a experiência subjetiva, ressalta a necessidade de reflexão, diálogo aberto e autoconsciência na abordagem historiográfica. Considerar a subjetividade como um componente inalienável do processo de interpretação histórica não diminui sua validade científica, mas amplia seu espectro, levando em conta a diversidade de perspectivas e experiências humanas.

Este entendimento converge com as reflexões de Eduardo Lourenço sobre a complexidade das relações luso-brasileiras, reconhecendo a multiplicidade de interpretações e vivências históricas. Adotar a perspectiva do historicismo significa reconhecer que a subjetividade é uma característica inerente e valorosa na produção do conhecimento histórico, permitindo uma análise mais rica e complexa das interações históricas entre Brasil e Portugal.

A reflexão sobre as experiências históricas partilhadas por brasileiros e portugueses traz à tona um cenário complexo de interações e interpretações, que revelam como um mesmo fato histórico pode ser registrado e transmitido de maneiras distintas. Esta dinâmica realça a presença marcante do elemento subjetivo no registro histórico. Ambos os povos, em suas

peculiaridades e contextos específicos, criaram edições próprias dos fatos históricos, o que resulta na formação de historicismos distintos, mesmo se debruçando sobre o mesmo marco temporal.

Ao considerar um momento histórico comum, como a época do colonialismo, por exemplo, é possível observar como cada sociedade - portuguesa e brasileira - moldou sua própria narrativa. Estas narrativas, embora partam de um evento compartilhado, diferem na forma como são interpretadas, na ênfase dada a determinados aspectos do evento, e na maneira como são transmitidas às futuras gerações. Assim, mesmo diante de um fato ou período histórico comum, os olhares e interpretações divergentes dos portugueses e dos brasileiros geram um panorama de diversidade cultural. Este fato é evidenciado não somente nas diferentes perspectivas de acontecimentos passados, mas também nas manifestações culturais, tradições e identidades que cada nação desenvolveu a partir dessas interpretações.

Esse entendimento reflete o cerne do historicismo, que reconhece a influência da cultura, das experiências e das perspectivas pessoais na interpretação da história. As histórias do Brasil e de Portugal, embora intrinsecamente ligadas por uma herança histórica comum, divergem em função desses elementos de subjetividade. Tal fato reforça a necessidade de considerar a multiplicidade de perspectivas ao analisar a história compartilhada entre Brasil e Portugal, conferindo a cada uma delas o devido reconhecimento e valorização em sua contribuição para a formação das identidades nacionais.

Isso dialoga com as reflexões de Eduardo Lourenço, que enfatiza a importância de respeitar e valorizar a diversidade de interpretações em relação à história compartilhada de Brasil e Portugal. A compreensão dessa diversidade é fundamental para uma análise mais completa e enriquecedora das relações históricas e culturais entre os dois países. Desse modo, afirma Eduardo Lourenço “Antecipando sobre as conclusões veremos como é mais profundo o que separa do que o que nos une. Mas veremos mais que esta separação é fidelidade em ambos a duas diversas estruturas culturais e físicas como são Brasil e Portugal” (Lourenço, 2015, p. 148).

Eduardo Lourenço, em suas reflexões sobre a cultura e a identidade portuguesa, pontua a existência de um "impensado", referindo-se a aspectos da história e da cultura que são

frequentemente negligenciados, esquecidos ou deixados de lado no imaginário coletivo português.

No contexto da relação entre Brasil e Portugal, esse "impensado" pode, de fato, englobar aspectos da história compartilhada que são ativamente lembrados e enfatizados no Brasil. Diversas questões da história colonial, por exemplo, podem ser destacadas no imaginário brasileiro, enquanto permanecem relativamente subexploradas na memória coletiva portuguesa. Esse desencontro pode estar associado a diferenças nas experiências históricas, culturais e sociais de brasileiros e portugueses, bem como às diferentes maneiras pelas quais cada país lida com seu passado.

É possível que aspectos da história que são essenciais para a identidade e o entendimento brasileiros sejam parte do "impensado" em Portugal, evidenciando uma espécie de dissonância entre as narrativas nacionais. Essa interpretação está alinhada com o conceito de historicismo, que reconhece a subjetividade na interpretação da história. Também está em sintonia com a visão de Lourenço sobre a complexidade e a diversidade das identidades culturais, e sobre a importância de reconhecer e explorar essas diferenças para obter uma compreensão mais completa e enriquecedora da relação entre Brasil e Portugal.

É importante ressaltar, no entanto, que essa observação é apenas uma entre várias possíveis interpretações da dinâmica entre o "impensado" de Portugal e as lembranças ativas do Brasil. Como sempre, a interpretação e o entendimento dessas questões complexas são influenciados por uma variedade de fatores, incluindo perspectivas individuais e culturais, experiências pessoais e conhecimentos prévios.

A diversidade étnica do Brasil resultou em características tão diversas dos portugueses que muitas vezes até a língua parece outra, o que acentua ainda mais esta cisão. Desde a chegada dos portugueses ao além mar, o impacto foi instantâneo, e mais cedo do que se imaginava o português tornou-se brasileiro, "brasiliense" conforme termo de Lourenço (2015) que entende que a visão histórica é desigual, e confirma, "são os filhos de duas realidades distintas que dialogam, são duas formas de consciência histórica profundamente diversa que se confrontam, no mínimo dos gestos ou das palavras quando estão frente a frente um português e um brasileiro".

O autor destaca que a diversidade étnica do Brasil é um fator importante que influencia a forma como os brasileiros compreendem e interpretam a história, o que acaba gerando diferenças entre os portugueses. Além disso, ressalta que a língua é um elemento que acentua ainda mais essa cisão, uma vez que o português falado no Brasil apresenta muitas diferenças em relação ao português falado em Portugal. Lourenço chama a atenção para a importância do diálogo entre as diferentes formas de consciência histórica, mesmo que elas sejam distintas. Esse diálogo pode contribuir para uma maior compreensão mútua e para uma valorização das diferenças culturais entre os dois povos.

Nesse sentido, o diálogo proposto por Lourenço entre brasileiros e portugueses se torna ainda mais relevante, pois a diversidade linguística, cultural, social e política entre os povos pode gerar barreiras na compreensão bilateral. A linguagem é um elemento fundamental na construção da nossa compreensão histórica. Portanto para que haja um diálogo frutífero é necessário que haja compreensão mútua e respeitosa dessas diferenças, para uma maior compreensão e cooperação.

3.3. Linguagem e Consciência: Diálogo Interpessoal e Intercultural

A linguagem representa um importante instrumento de comunicação e diálogo entre indivíduos, povos e culturas diversas. É essencial reconhecer que, embora possamos almejar uma abordagem objetiva e neutra na comunicação, estamos invariavelmente imersos em uma linguagem repleta de significados e registros internos pré-existentes. Este cenário implica que nossas percepções são subsequentes à linguagem, conforme ilustrado por Wilfrid Sellars (2004).

Ao nos depararmos com um novo objeto de estudo, nossa tentativa inicial de compreensão é baseada na linguagem que já possuímos. Portanto, todo dado sensorial que recebemos já passou por um filtro e foi organizado através de uma linguagem previamente existente, configurando um empirismo situado em um arcabouço mental e linguístico. Segundo o autor, sem a linguagem, a construção de tais conexões se torna inviável. Sellars, em sua obra "Empirismo e Filosofia da Mente", aborda a questão do conhecimento através da filosofia da linguagem, postulando que esta é essencialmente pública. Isto é, o significado atribuído às palavras é validado na esfera social, atrelado ao seu papel funcional dentro do contexto social.

O autor argumenta que o empirismo (nossas experiências do mundo por meio de nossos sentidos) e a filosofia da mente (que investiga os estados mentais) são inseparáveis. Ao discutir as percepções, inevitavelmente adentra-se no domínio da filosofia da mente. A utilização de uma linguagem pública por Sellars ressalta a importância da esfera social na validação dos significados atribuídos às palavras, conferindo-lhes um papel funcional. Por meio da filosofia da linguagem e da filosofia da mente, Sellars contribui para a compreensão do conhecimento das experiências humanas e históricas. Sua perspectiva está alinhada com o historicismo, que reconhece que o pensamento do autor está inserido em um contexto histórico e cultural específico. Para Sellars, "a linguagem é a forma de expressão essencial da racionalidade e, conseqüentemente, da consciência de si" (Sellars, 1956). Esta afirmação reforça a linguagem como ferramenta primordial para a expressão das questões humanas e para a autoconsciência. É por meio da linguagem que é possível formular conceitos, construir sistemas de crenças e viabilizar a comunicação e o diálogo.

Por fim, a proposição de Sellars indica que a concepção de um empirismo puro é ingênua. Ao percebermos um triângulo vermelho, ao ouvir uma música ou ao interpretar um fato histórico, fazemos isso sob um crivo social, cultural e circunstancial. Portanto, falar de um elemento empírico sem considerar esses fatores seria uma atitude sem sentido no contexto atual. Ao interpretar a história e a experiência histórica vivida pelos portugueses e brasileiros, devemos considerar o substrato linguístico e cultural que cada um possui. Esta percepção amplia nossa compreensão sobre a história e a subjetividade inerente a ela. Ao perceber a história sobre um determinado prisma, brasileiros e portugueses fazem isso sob o crivo social, cultural e circunstancial, filtrando e organizando informações de acordo com a linguagem e compreensões prévias. Isso significa que a interpretação histórica é moldada pela linguagem cultural, e pelos registros internos dos povos envolvidos.

Assim para haver um diálogo aberto entre as diferentes formas de consciência histórica é necessário reconhecer a importância da linguagem e da cultura na interpretação e compreensão da história e que leve em conta as diferenças culturais e particularidades de cada um.

3.3.1. O Desencontro das Consciências Históricas entre Brasil e Portugal

Brasil e Portugal, unidos por um passado histórico compartilhado, são separados não apenas pelo oceano, mas também por suas respectivas culturas, características e identidades como povos. Estas diferenças tornam-se determinantes na maneira como cada nação interpreta e assimila a experiência histórica comum. Conforme ressalta Eduardo Lourenço (2015, p. 74):

Essa ilusão tem duas coordenadas que são dois multiplicadores dessa ilusão: por um lado a consciência que o brasileiro tem do Brasil é qualquer coisa que nada tem a ver com a imagem que o português se faz do Brasil; por outro a consciência que o brasileiro tem de Portugal é de tal natureza que nem corresponde por sombras à que o português tem da sua pátria, nem com ela constitui um género de consciência que possa verdadeiramente comparar-se. Em suma: se o Brasil é sonho para os portugueses ou se os portugueses se entretêm a sonhá-lo, Portugal nem é sonho do Brasil e nem os brasileiros perdem tempo em nos sonhar (Lourenço, 2015, p. 74).

Lourenço enfatiza que existe uma ilusão, ou uma percepção errônea, em relação à compreensão recíproca entre Brasil e Portugal. Cada país mantém uma imagem idealizada e distorcida do outro, realçando uma visão que nem sempre corresponde à realidade. Essa ilusão é multiplicada pelas diferentes perspectivas e não reflete a verdadeira natureza das relações bilaterais. O autor destaca a necessidade de superar essas ilusões para estabelecer uma compreensão mútua mais precisa.

Frequentemente, a história colonial é romantizada, construindo-se uma imagem de Portugal como "país pai", que "descobriu" e "civilizou" o Brasil. Esta visão pode ser influenciada por narrativas que enaltecem a colonização portuguesa e minimizam outros aspectos. Por outro lado, a visão distorcida pode ser alimentada por conflitos históricos, como a Independência do Brasil, que pode ter gerado sentimentos de rivalidade e hostilidade entre os dois países. Esta visão também pode ser influenciada por estereótipos e preconceitos culturais que os brasileiros e portugueses tem um com o outro.

No caso português, o pensamento sobre o Brasil é influenciado pela estratégia histórica das grandes navegações, uma visão que se cristaliza e mistifica o passado. Isso significa que o peso histórico é mais abrangente do que a própria relação entre os dois países. Portanto esse passado mistifica e se cristaliza dificultando dessa forma qualquer utopia ou prospecção para o futuro. “marcar um passado é dar lugar à morte, mas também distribuir o espaço das possibilidades, determinar negativamente aquilo que está por fazer e, conseqüentemente a narratividade, que enterra os mortos, como um meio de estabelecer um lugar para os vivos” (Certeau, p. 107). Ou seja, a cristalização de uma imagem histórica pode ser limitante para o futuro.

Assim, tanto Brasil quanto Portugal devem estar cientes das múltiplas perspectivas sobre seu passado comum para buscar uma compreensão mais equilibrada e abrangente. Desta forma, é possível construir uma narrativa mais completa e justa sobre o passado e compreender melhor o presente. A percepção da história pode, portanto, evoluir para além de um "sonho" distorcido e idealizado, tornando-se um meio para fortalecer o entendimento mútuo e a cooperação futura.

Cada país envolvido na colonização tem uma perspectiva diferente sobre o período histórico e suas conseqüências. No entanto, é importante reconhecer que houve tanto ganhos quanto perdas em todas as partes envolvidas. No caso do Brasil, é comum se enfatizar a exploração e opressão sofrida pelos povos indígenas e escravizados durante a colonização, o que é uma perspectiva legítima e necessária para se compreender a história do país. No entanto, também é importante lembrar que a chegada dos europeus trouxe novas tecnologias, como a escrita, a impressão e a agricultura, entre outras melhorias, que foram fundamentais para a formação do país como o conhecemos hoje. Por outro lado, os portugueses têm o hábito de destacar as melhorias que trouxeram para o Brasil, como a língua, a religião e a organização política, mas costumam minimizar ou mesmo ignorar os abusos cometidos durante o período colonial, como a exploração de recursos naturais e humanos e a imposição de valores culturais estrangeiros.

Em ambos os casos, é importante reconhecer as diferentes perspectivas e buscar um olhar mais amplo e equilibrado sobre a história da colonização e suas conseqüências para os povos

envolvidos. Somente assim é possível construir uma narrativa mais completa e justa sobre o passado e compreender melhor o presente.

Eduardo Lourenço aponta que, para estabelecer sua identidade, o Brasil optou por se distanciar de suas origens portuguesas, recusando e afastando-se da herança cultural lusa. O Brasil, em sua visão, percebe-se e se imagina como o epicentro de seu próprio universo cultural. Lourenço descreve essa autoconcepção brasileira da seguinte forma: “A bem dizer, o Brasil vive-se, e imagina-se, naturalmente inscrito num espaço de que ele é o centro e a circunferência. Pode dar-se ao luxo de não ter mais exterior do que o seu interior, já tão difícil, de assumir. Mas não pode impedir de ser visto, de saber que os outros o veem. Em particular, que em termos de potência e representatividade, lusófono e centro empírico de uma comunidade que tem como único elo incontornável a língua que lhe dá um lugar a parte no continente a que pertence”. Lourenço (1999, p.171).

No entanto, percebemos a influência do passado colonial na construção cultural de Brasil e Portugal. Quental (1980) então destaca as consequências negativas da colonização para Portugal, que teria perdido vitalidade e se afastado do desenvolvimento científico e cultural europeu. Esses quinhentos anos de contato e as diferentes estruturas culturais permitiram interpretações diferentes, cada um com seu próprio interesse, em ambos os casos sacrificava-se muitas vezes a história.

Portugal enfoca em um discurso universalista, e conforme Quental não foi somente o colonialismo responsável pela decadência de seu povo outros fatores também influenciaram “Ora esses fenómenos capitais são três, e de três espécies: um moral, outro político, outro económico. O primeiro é a transformação do Catolicismo, pelo Concílio de Trento. O segundo, o estabelecimento do Absolutismo, pela ruína das liberdades locais. O terceiro, o desenvolvimento das Conquistas longínquas. Estes fenómenos assim agrupados, compreendendo os três grandes aspectos da vida social, o pensamento, a política e o trabalho, indicam-nos claramente que uma profunda e universal revolução se operou, durante o século XVI, nas sociedades peninsulares. Essa revolução foi funesta, funestíssima”.(Quental, 1980 p.31) O fenómeno da emigração, acompanhado da religiosidade excessiva afetaram negativamente Portugal.

Esses fenômenos afetaram Portugal de várias maneiras. A transformação do Catolicismo levou à perda de diversidade cultural e religiosa, limitando a criatividade e a inovação do povo português. O Estabelecimento do Absolutismo limitou a participação política e a liberdade individual, o que prejudicou o desenvolvimento social e econômico. O desenvolvimento das conquistas longínquas desviou recursos e energia para a exploração de territórios distantes, esse modelo econômico e político, que se apoiava na exploração de colônias, acabou por tornar Portugal decadente e vulnerável a crises econômicas e políticas no longo prazo. Além disso a exploração desmedida dos recursos naturais e humanos das colônias gerou impactos ambientais e sociais negativos que reverberam até nossos dias. Esses fatores combinados contribuíram para a decadência de Portugal, afetando negativamente a vida social, política e econômica do país.

O autor sugere que as interpretações dos últimos quinhentos anos de contato entre essas diferentes culturas são influenciadas por interesses próprios e podem sacrificar a história.

Enquanto isso, o Brasil, põe-se a idealizar com as possibilidades de, “e se o Brasil tivesse sido colonizado pelos ingleses, ou pelos holandeses...” como seria a história do país? Isso acaba confrontando a história vivida, divulgada e aprendida durante esses cinco séculos, rejeitando a herança portuguesa e virando as costas para o passado colocando em evidência somente as misérias da época colonial. No entanto afirma Lourenço (1999, p. 149): “caberia ao Brasil assumir que, se houve efetivamente no trajeto da colônia destruição de povos e fratura de culturas, “os portugueses do Brasil – ou seja, os atores de que o Brasil e os brasileiros são a expressão – foram os agentes desse genocídio”. Isso quer dizer que, os autores dessas misérias foram os portugueses que atravessaram o atlântico a cinco séculos e não os que permaneceram em Portugal ou que lá vivem hoje. Seria o mesmo que cobrar uma dívida de um tataraneto que não esteve envolvido com a história do seu tataravô.

O Brasil idealiza uma possível colonização por outras potências, como os ingleses ou holandeses, e isso acaba confrontando a história vivida. A idealização muitas vezes busca apontar as misérias da época colonial e rejeitar a herança portuguesa, e pode ser visto como uma forma de negar o passado e a própria história do país.

Eduardo Lourenço chama atenção para o fato de que, se houve destruição de povos e culturas na época colonial, os portugueses que estiveram no Brasil foram os responsáveis e agentes desse genocídio. Isso significa que é injusto culpar os portugueses que vivem atualmente por essas misérias, é importante reconhecer que a colonização portuguesa teve um papel significativo na formação da sociedade brasileira e nas questões sociais e culturais enfrentadas pelo país atualmente.

O estudo dessas identidades pode nos ajudar a compreender melhor as diferenças e semelhanças entre esses dois países, e a construir pontes de diálogo e de entendimento entre as duas culturas.

3.4. Modernidade Líquida Dissolvendo Estereótipos

A teoria da modernidade líquida de Zygmunt Bauman oferece uma estrutura útil para entender como a identidade nacional é constantemente moldada e reconfigurada no mundo contemporâneo. Segundo Bauman (2001), na modernidade líquida, as identidades não são mais fixas ou permanentes, mas fluidas e mutáveis. Elas se adaptam a circunstâncias mutáveis e são constantemente redefinidas em resposta a novas experiências e desafios.

Aplicando esta teoria à relação Brasil-Portugal, é possível ver como a identidade nacional de cada país tem sido fluida e mutável ao longo do tempo, ao aplicar a teoria da modernidade líquida, podemos começar a ver essas diferenças não como barreiras intransponíveis, mas como expressões de identidades fluidas e mutáveis que podem ser entendidas e reconciliadas através do diálogo e da compreensão mútua.

A modernidade líquida pode oferecer um caminho para repensar e reimaginar a relação Brasil-Portugal. Em vez de ver a história compartilhada como uma fonte de conflito, ela pode ser vista como uma oportunidade para a compreensão mútua e a cooperação. Ao reconhecer a fluidez e a mutabilidade das identidades nacionais, é possível criar espaço para novas formas de interação e conexão que vão além das narrativas históricas estabelecidas.

O autor argumenta que as estruturas rígidas e imutáveis da modernidade não são mais suficientes para lidar com a complexidade e a incerteza do mundo contemporâneo. As tentativas de impor ordem e controle através de regras rígidas, normas e leis muitas vezes resultam em rigidez e estagnação, em vez de progresso e inovação.

Essa perspectiva reflete uma mudança profunda na maneira como entendemos e lidamos com a realidade. O mundo não é mais visto como um lugar estável e previsível, onde as coisas acontecem de acordo com leis fixas e imutáveis. Em vez disso, é visto como um lugar de constante mudança e incerteza, onde o inesperado é a norma e a adaptação e a flexibilidade são essenciais para a sobrevivência e o sucesso.

Neste contexto, Bauman argumenta que precisamos de novas formas de pensar e agir que sejam capazes de lidar com essa complexidade e incerteza. Precisamos de uma "modernidade líquida", onde as ideias e práticas são flexíveis e adaptáveis, capazes de mudar e evoluir em resposta a novos desafios e oportunidades.

A crítica de Bauman é particularmente relevante quando aplicada à relação entre Brasil e Portugal. Ambos os países têm uma longa história de interação e intercâmbio, moldada por séculos de colonialismo e imigração.

Ao invés de uma única narrativa ou perspectiva, Bauman sugere que devemos reconhecer e aceitar a fluidez e a diversidade desta relação. Devemos nos esforçar para entender e respeitar as diferentes perspectivas e experiências de cada país, e trabalhar juntos para criar novas formas de interação e cooperação que sejam adaptáveis e flexíveis.

A "modernidade líquida" de Bauman oferece um caminho para repensar e reimaginar a relação entre Brasil e Portugal, e para desenvolver novas formas de interação e cooperação que sejam capazes de lidar com a complexidade e a incerteza.

Na esfera contemporânea, Zygmunt Bauman aponta para um humanismo que transcende as fronteiras da racionalidade exacerbada que caracteriza a modernidade. O filósofo defende um humanismo fundado no respeito profundo pelo outro e pela própria pessoa. Segundo ele, e como ele cita Lipovetski, a era atual tem delegitimizado a ideia do auto-sacrifício e a busca por ideais morais se atenuou, sugerindo um deslocamento das preocupações modernistas.

Esta rejeição do paradigma modernista não implica, entretanto, um devir egoísta da sociedade. Bauman sugere que, ao invés disso, poderíamos estar à beira de nos tornarmos mais autênticos, mais interessados em fraternidade e amor, mas não da maneira como os concebíamos anteriormente, moldados pelos paradigmas da modernidade.

Ao longo de suas obras, Bauman reflete criticamente sobre a transição do que ele denomina de "era do dever" para uma "era dos direitos", destacando que essa mudança é mais um sintoma da transição de um paradigma para outro, do que um fim em si mesmo. Ele argumenta que a prevalência de direitos sobre deveres é um reflexo do peso da modernidade, que impôs deveres esmagadores e concedeu direitos limitados.

Nesse contexto, Eduardo Lourenço (2015) observa, na relação entre Brasil e Portugal, um eco dessas reflexões de Bauman. Ele reconhece a presença ainda forte do homem moderno em nós e destaca a necessidade de ir além da modernidade. Para Lourenço, a chave para essa transição está em uma relação de maior respeito e consideração para com o outro, um humanismo que vai além das restrições racionais da modernidade. Ele propõe um novo olhar para a relação entre Brasil e Portugal, que reconheça as suas complexidades e que valorize as suas diferenças.

Assim, na visão de Lourenço, como na de Bauman, o que é necessário é um movimento de fraternidade e responsabilidade, que vai além dos limites da racionalidade e que valoriza a experiência humana em todas as suas dimensões. A proposição de um movimento além da modernidade, é uma convocação para uma redefinição do humanismo, um humanismo que reconhece o valor inerente de cada indivíduo e que busca a liberdade, não apenas em termos materiais, mas também em termos de pensamento, emoção e espírito.

Ambos os autores defendem que este novo humanismo não significa rejeitar tudo o que veio antes, mas sim construir sobre ele, usando-o como base para uma nova compreensão de nós mesmos e dos outros. Afinal, como Bauman salienta, o importante não é o que descartamos, mas o que mantemos e transformamos. Nesse sentido, é uma chamada para um movimento de evolução e transformação, em que valorizamos o que temos de melhor e buscamos formas de superar as limitações e falhas do passado.

Deste modo, Bauman e Lourenço oferecem um caminho de reflexão e ação para aqueles que buscam compreender e responder aos desafios do mundo contemporâneo. Eles nos convidam a repensar as nossas ideias e valores, a sermos mais abertos e receptivos às diferenças, e a trabalhar juntos para criar um mundo mais justo, inclusivo e sustentável. Isso implica,

necessariamente, uma revisão crítica das noções de dever e direito, e uma ênfase na responsabilidade individual e coletiva para o bem-estar da humanidade.

3.4.1. O Papel da Educação na Formação da Consciência Histórica

A educação tem um papel central na formação da consciência histórica, principalmente na maneira como o passado colonial é interpretado e compreendido. O modo como a história é apresentada e ensinada nas escolas, de fato, molda significativamente a visão que cada nação tem de si mesma e das outras nações. A partir desta perspectiva, este tópico propõe uma reflexão sobre o papel da educação na formação dessa consciência histórica e na influência que ela exerce sobre as interpretações do passado colonial.

Em primeiro lugar, é fundamental enfatizar que a história ensinada nas escolas não é uma representação neutra do passado. Em vez disso, é um constructo que é influenciado por várias considerações políticas, ideológicas e culturais. De acordo com o filósofo da história Jörn Rüsen (2004), a consciência histórica é uma "orientação temporal da experiência e interpretação de si e do mundo". Portanto, a forma como ensinamos a história e como interpretamos o passado tem implicações significativas para a nossa compreensão do presente e a nossa visão do futuro.

No caso específico da relação entre Brasil e Portugal, a educação histórica desempenha um papel crucial na configuração da compreensão dos eventos coloniais. Como Eduardo Lourenço (2015) aponta, as visões sobre a história compartilhada entre Brasil e Portugal podem ser profundamente diferentes, refletindo as realidades distintas e as construções de identidade de cada país. O ensino da história colonial em ambos os países é, assim, um campo de construção e negociação de identidades nacionais.

A educação, portanto, pode desempenhar um papel crucial na reconfiguração dessas percepções e interpretações. Como Bauman (2000) sugere, estamos vivendo em uma era de "modernidade líquida", onde as identidades estão em constante fluxo e mudança. Nesse contexto, o ensino da história pode servir como uma ponte para reimaginar e reconstruir as identidades nacionais, em um esforço para ir além das narrativas coloniais herdadas.

Educar para a consciência histórica, então, não é apenas uma questão de transmitir um conjunto de fatos sobre o passado. É também uma questão de cultivar habilidades críticas e

reflexivas, de encorajar os estudantes a questionar e explorar diferentes perspectivas, e de permitir que eles se envolvam ativamente na construção do conhecimento histórico.

Deste modo, ao considerarmos a influência da educação na formação da consciência histórica, é imperativo reconhecer o potencial da educação para atuar como um agente de transformação social e política, que pode ajudar a desafiar e reconfigurar as narrativas coloniais existentes. Ao mesmo tempo, também devemos estar cientes das limitações e desafios inerentes a este processo, e buscar formas de abordá-los de forma crítica e reflexiva.

3.5. Para Além do Passado: Perspectivas Futuras para a Relação Brasil-Portugal

O processo de descolonização e reinterpretação de nossas histórias comuns desencadeia a urgência de uma abordagem pós-moderna na relação entre Brasil e Portugal, onde o foco passa a ser na construção de um novo espaço de diálogo, respeitando as diferenças culturais, históricas e identitárias, ao mesmo tempo que promove um entendimento mútuo. A visão de Eduardo Lourenço e a teoria da modernidade líquida de Zygmunt Bauman oferecem diretrizes valiosas para essa nova etapa na relação Brasil-Portugal.

Na visão de Lourenço, a descolonização da mente é um caminho necessário para a reinterpretação da história comum e para o avanço da relação entre Brasil e Portugal. Enquanto Bauman, por meio de sua teoria da modernidade líquida, ilustra a necessidade de uma abordagem mais flexível e menos rígida nas relações interculturais e internacionais.

Em um mundo cada vez mais globalizado, a necessidade de um entendimento mútuo e um diálogo intercultural tornam-se cada vez mais cruciais. A relação entre Brasil e Portugal tem o potencial de se transformar em um exemplo de cooperação intercultural e diálogo. Para tal, é imprescindível ir além das interpretações históricas tradicionais e adotar um enfoque mais complexo e abrangente da história, que leve em consideração as diferentes perspectivas e experiências de cada país.

Para o futuro, a relação Brasil-Portugal poderá beneficiar-se da reinterpretação das suas histórias comuns e da adoção de uma nova abordagem na interação entre os dois países. Isso

implica não apenas reconhecer as injustiças históricas e as diferenças culturais, mas também promover um diálogo que permita uma compreensão mútua e o respeito pela diversidade.

A reinterpretação das histórias e a descolonização da mente, propostas por Lourenço, e a flexibilidade da modernidade líquida, sugerida por Bauman, são passos significativos nesse sentido. Através dessas abordagens, os dois países podem avançar para uma relação mais igualitária, que respeite as suas diferenças e promova o diálogo e a cooperação.

É crucial para a formação dessa nova perspectiva, a reavaliação das histórias e narrativas que foram transmitidas ao longo do tempo. Compreendendo que tais narrativas foram formadas por uma visão predominantemente eurocêntrica, a descolonização do pensamento se torna uma etapa necessária para uma visão mais inclusiva e equitativa da história. Este processo de reavaliação e reinterpretação é um passo significativo para a formação de uma consciência histórica mais complexa e reflexiva. É uma jornada desafiadora, mas necessária, que exige uma constante disposição para o diálogo e a compreensão mútua.

Essa perspectiva de futuro não visa apagar ou minimizar o passado, mas sim reconhecer e lidar com suas implicações. É uma oportunidade para aprender com o passado e usar essa compreensão para construir uma relação mais forte e mais equitativa entre Brasil e Portugal.

A aplicação da teoria da modernidade líquida nesse contexto pode auxiliar na compreensão de que a relação entre Brasil e Portugal não deve ser regida por rigidez e normatividade. Em vez disso, é necessário promover a flexibilidade, a aceitação e o diálogo como pilares fundamentais dessa relação. Essa é uma etapa vital na formação de uma relação mais equitativa, justa e cooperativa entre Brasil e Portugal, uma relação que reconhece e respeita suas histórias, identidades e culturas únicas.

Em conclusão, a relação entre Brasil e Portugal requer um movimento além do passado colonial para uma relação mais equitativa e cooperativa. Através da reinterpretação das histórias comuns, da promoção do diálogo intercultural e do respeito à diversidade, Brasil e Portugal podem trilhar um caminho em direção a uma relação mais justa e frutífera.

4. Considerações Finais

A dissertação em análise, por meio de uma investigação da literatura e dos principais conceitos subjacentes ao colonialismo, identidade nacional e consciência histórica, estabelece uma reflexão sobre a relação entre Brasil e Portugal a partir da perspectiva de Eduardo Lourenço.

Este estudo ressalta a importância de compreender e reconhecer o passado colonial complexo que molda as relações contemporâneas entre estas duas nações, que são simultaneamente ligadas por uma história compartilhada e separadas por experiências distintas de colonialismo e desenvolvimento nacional.

Embora a história colonial seja frequentemente vista como um passado distante, suas repercussões e legados continuam a moldar a maneira como Brasil e Portugal percebem e interpretam sua própria identidade e a do outro. A identidade, neste contexto, é um fenômeno em constante mudança, moldado não apenas pelo passado colonial, mas também por fatores contemporâneos, como migrações recentes e desenvolvimentos políticos e culturais.

Portanto, é crucial para ambos os países avançar além do passado e buscar uma reaproximação baseada em uma linguagem cultural compartilhada e respeito pelas diferenças e particularidades de cada um. Além disso, esta dissertação sublinhou o papel vital da educação na formação da consciência histórica. A educação, quando efetivamente empregada, pode funcionar como um meio poderoso para expandir a compreensão e o reconhecimento da complexidade e diversidade das experiências históricas e coloniais.

Nesse sentido, o papel da educação na formação da consciência histórica e na promoção deste diálogo respeitoso se torna ainda mais crucial. Através de um sistema educacional efetivo, é possível inculcar um senso de compreensão e reconhecimento das complexidades que compõem a história colonial e as experiências históricas do Brasil e de Portugal. Além disso, a educação tem o poder de desconstruir visões estereotipadas e ajudar a promover um sentido de identidade que seja enriquecido pela diversidade e pela complexidade das experiências e histórias compartilhadas.

Também é relevante apontar o modo como o conteúdo histórico é repassado nas escolas tanto no Brasil quanto em Portugal. O currículo de história adotado nas escolas tem um impacto significativo na formação da consciência histórica dos estudantes e, portanto, na maneira como percebem e interpretam a história do seu próprio país e a dos outros.

Em particular, é importante investigar como a história das relações entre Brasil e Portugal é ensinada nas escolas de ambos os países. A forma como os eventos históricos são apresentados, as perspectivas que são destacadas e as que são omitidas, tudo isso contribui para a construção de uma determinada narrativa histórica que pode reforçar certas ideias e preconceitos e deixar de desafiar outros.

Por exemplo, é comum que as narrativas históricas ensinadas nas escolas enfatizem uma perspectiva eurocêntrica e colonial, que tende a minimizar os impactos negativos do colonialismo e a apresentar uma visão simplificada e homogênea das culturas e histórias colonizadas. Isso pode contribuir para a perpetuação de visões estereotipadas e simplificadas das relações entre Brasil e Portugal e das identidades brasileira e portuguesa.

Por isso, seria benéfico que as escolas adotassem uma abordagem mais crítica e reflexiva ao ensino da história, que permitisse aos estudantes questionar as narrativas históricas predominantes, entender a complexidade e a diversidade das experiências históricas e coloniais, e desenvolver uma consciência histórica mais matizada e crítica.

Portanto, ao apontar para a necessidade de uma reavaliação contínua do modo como a história é ensinada nas escolas, esta dissertação reitera a importância da educação na formação da consciência histórica e na promoção do diálogo e do entendimento intercultural. Essa é uma observação importante e ressalta como as perspectivas históricas podem ser moldadas pela forma como a história é ensinada nas escolas.

No caso do Brasil, se a ênfase está principalmente nos aspectos negativos do colonialismo, pode levar à criação de uma narrativa de "vitimismo", onde o foco recai sobre a exploração e o sofrimento experimentados sob o domínio colonial, e os aspectos potencialmente positivos, como o intercâmbio cultural ou as melhorias infra estruturais, podem ser minimizados ou ignorados.

No entanto, é importante também ter cuidado para não cair no extremo oposto, onde os impactos negativos do colonialismo são minimizados e a "melhoria" é destacada em detrimento dos abusos e injustiças que também ocorreram. O desafio é alcançar um equilíbrio onde ambas as realidades são reconhecidas e entendidas em seu contexto histórico.

A história de qualquer país é rica e complexa, e é importante que essa complexidade seja refletida na educação histórica. Ao se esforçar para apresentar uma visão equilibrada e matizada da história colonial, as escolas podem ajudar os estudantes a desenvolver uma consciência histórica mais aprofundada e a apreciar a complexidade das interações históricas e culturais.

Por isso, a educação tem um papel fundamental na criação de narrativas históricas mais equilibradas, que reconheçam tanto os aspectos negativos quanto os positivos do colonialismo, e promovam uma compreensão mais completa e matizada das complexas relações históricas entre Brasil e Portugal. Ao fazer isso, a educação pode contribuir para a construção de uma consciência histórica mais rica e diversificada, e promover um diálogo intercultural mais informado e reflexivo.

As novas tecnologias digitais proporcionam oportunidades sem precedentes para a aprendizagem e a troca intercultural. Através das redes sociais, blogs, fóruns online e outras plataformas digitais, os jovens de hoje têm acesso a uma variedade de perspectivas e experiências que podem desafiar e enriquecer a sua compreensão da história e da cultura. Isto pode, por sua vez, contribuir para a desconstrução de estereótipos e preconceitos, e promover uma maior apreciação da diversidade e complexidade das experiências humanas.

O papel da internet e das novas tecnologias digitais na formação da consciência histórica e na promoção do diálogo intercultural é um campo de estudo emergente e promissor, que merece maior atenção e investigação. Ao mesmo tempo, este desenvolvimento sublinha a importância contínua da educação - tanto na escola quanto online - como meio de formar uma consciência histórica mais matizada e uma compreensão mais profunda das complexas interações históricas e culturais.

Em suma, através da análise dos trabalhos de Eduardo Lourenço, este estudo lança luz sobre o intrincado relacionamento luso-brasileiro, enfatizando a necessidade de um diálogo mais

informado e reflexivo sobre o passado colonial e as identidades nacionais. A chave para o futuro da relação entre Brasil e Portugal reside na capacidade de ambas as nações de compreender e respeitar sua história compartilhada e, ao mesmo tempo, reconhecer e celebrar suas diferenças e singularidades.

Referências Bibliográficas

- ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. São Paulo: Martins fontes. 2007
- BACHELARD, G. O Novo Espírito Científico. Tradução de Roberto Francisco Kuhnen. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os Pensadores).
- BACHELARD, G. A Formação do Espírito Científico: Contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 1996
- BAUMAN, Zygmunt. Identidade. Rio de Janeiro: Zahar. 2005
- BAUMAN, Zygmunt. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Zahar. 2001
- BAUMAN, Zygmunt. Identidade. Rio de Janeiro: Zahar. 2005
- BLOCH, Marc. Apologia da História ou ofício de historiador. Rio de Janeiro. Zahar 2002
- BUARQUE, de Holanda, Chico. Raízes do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras. 1995
- BUARQUE, de Holanda, Chico. Apesar de Você. Philips. 1970
- BRAUDEL, Fernand. O mediterrâneo e o mundo mediterrâneo na época de Felipe II. São Paulo. Martins Fontes. 1983
- CAMÕES de, Luis. Os Lusíadas. Segunda Edição. Porto. Companhia portuguesa. 1916
- CERTEAU, Michel de. A escrita da história. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 1982
- CATROGA, Fernando. História da história em Portugal – séculos XIX-XX. Lisboa: Círculo de Leitores. 1996
- DAMATTA, R. Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rocco. 1997
- DILTHEY, Wilhelm. O mundo histórico. Rio de Janeiro: Zahar. 2010
- DILTHEY, Wilhelm. Introdução às ciências do espírito. Petrópolis: Vozes. 2015
- DILTHEY, Wilhelm. Introdução às ciências humanas. Tradução de M. A. Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010

- FREYRE, Gilberto. Casa-Grande & Senzala. Global. 1933
- HOMEM, Wagner. Chico Buarque: Histórias de Canções. São Paulo: 2009
- LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: ENCICLOPÉDIA Einaudi: Memória – História. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, v. 1. Tradução de Suzana Ferreira Borges. 1997
- LEVINAS, Emmanuel .Totalidade e infinito /; trad. José Pinto Ribeiro. - 3ª ed. - Lisboa Edições 70, 2008
- LOURENÇO, Eduardo. A Nau de Ícaro seguido de Imagem e Miragem da Lusofonia. Lisboa: Gradiva. 1999
- LOURENÇO, Eduardo. A Europa Desencantada, para uma mitologia europeia. Lisboa: Gradiva. 2011
- LOURENÇO, Eduardo. O labirinto da Saudade. Lisboa: Gradiva. 2000
- LOURENÇO, Eduardo. Do Colonialismos Como Nosso Impensado. Gradiva 2014
- LOURENÇO, Eduardo. Do Brasil, fascínio e miragem. Lisboa: Gradiva. 2015
- LOURENÇO, Eduardo. Heterodoxia I: Gradiva. 2005
- LOURENÇO, Eduardo. Heterodoxia II: Gradiva. 2006
- LOURENÇO, Eduardo. Ver é ser Visto. Lisboa: Gradiva. 2021
- LOURENÇO, Eduardo. Antero ou a Noite Intacta. Lisboa: Gradiva 2007
- NAGEL, Thomas. Como é ser um morcego? Cad. Hist. Fil. Campinas, Série 3, v. 15, n. 1, p. 245-262. 2005
- NAGEL, Thomas. Visão a Partir de Lugar nenhum. São Paulo. Martins Fontes. 2004
- PESSOA, Fernando. Livro do Desassossego. São Paulo: Companhia das Letras. 2014
- PINTO, António Costa. "O Salazarismo e o Estado Novo." In: História Contemporânea de Portugal, volume II. Lisboa: Objectiva, 1999.
- QUEIROZ, Eça de. A Revolução do Brasil. In: Obras de Eça de Queiroz. Porto: Lello & Irmão Editores, v. III. 1979

QUEIROZ, Eça de. Uma campanha alegre II. Mira-Sintra: Europa-América, t. II: "As farpas".1987

QUENTAL, Antero De. Causas da Decadência dos Povos Peninsulares. Lisboa: 1980

RIBEIRO, Darcy. O povo brasileiro. A formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras.1997

ROSA, GUIMARÃES, J. Grande sertão: veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

ROSAS, Fernando. "Portugal e o Estado Novo (1930-1960)". Edições Colibri.1996

SANTOS, Boaventura de Souza. Modernidade, identidade e cultura de fronteira. Revista crítica de Ciências Sociais: descobrimentos/encobrimentos, nº 38, p. 11-39. 1993

SELLARS, Wilfrid. Empirismo e Filosofia da Mente. Rio de Janeiro: Editora Vozes.2008

VASCONCELLOS, M. J. E. de. Pensamento sistêmico: o novo paradigma da ciência. (9 ed.). Campinas: Papyrus, 2010.